

Fábulas
de Curvo Semedo

*Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus;
Nam neque chorda sonum reddit, quem vult manus, et mens.*

(Hor., *Art. Poet.*, v. 345.)

PREFÁCIO DA 3ª EDIÇÃO, DE 1883

Há muito tempo que estava esgotada no mercado a 2ª, e, até aqui, última, edição das Fábulas de La Fontaine traduzidas livremente, ou, antes, acomodadas ao sabor dos leitores portugueses, pelo distinto poeta dos fins do século passado e primeiro quartel deste, Belchior Manuel Curvo Semedo (na Nova Arcádia, Belmiro Transtagano). Essa edição era de 1843, tendo sido a 1ª publicada em 1820, dezoito anos antes da morte física do autor, mas não tantos antes da sua morte intelectual, pois Curvo Semedo teve a desgraça de sofrer um grande enfraquecimento nas faculdades, ao atingir o último período da vida, vegetando alguns dilatados anos numa existência miserável primeiro que a morte lhe apagasse de todo a luz, que lentamente se lhe foi escurecendo no espírito.

Chamámos distinto poeta a Curvo Semedo, e só nos sobressalta o receio de lhe tributarmos, nessa designação, um insuficiente qualificativo. Os mestres da alta crítica contemporânea limitam-se a não lhe negar o merecimento literário, deixando-o, contudo, na plana para onde o desterrou um esquecimento imerecido.

Um ¹ louva-lhe em extremo os ditirambos, que outro ² em extremo deprecia. Os ditirambos de Curvo Semedo são, em nosso entender, e salvas as restrições provenientes dos ingratos e estéreis assuntos a que são consagrados, modelos de poesia erudita, em que o autor soube aliar à vivacidade de um grande engenho poético um estudo profundo e grande maleabilidade no manejo da língua.

Infelizmente, macula-os em geral o convencionalismo do género, aplicado a pretextos avessos a toda a inspiração e que os deixa para sempre assinalados com esse pecado de origem. Agita-se neles um poeta, como nas cavernas interiores do Etna se agitam os Titãs. Mas, como estes, vê-se que está subjugado e encarcerado ali.

Superiores, porém, aos seus ditirambos temos para nos que o são, e muito, alguns dos seus magníficos sonetos, muitos dos seus mordazes e bem acerados epigramas e quase todos os seus conceituosos e delicados madrigais. Quem há aí que tenha lido, e verdadeiramente apreciado entre estes últimos, o seguinte:

Soltai mais doce voz, aves saudosas:
 Brotai novo matiz, prados florentes:
 Dobrai as sombras, árvores frondosas,
 Mais fragrância exalai, flores virentes,
 Que depois de uma ausência dilatada
 Torna a ver-nos, Manilha, os meus amores:
 Porém se virdes a cruel mudada
 A novo amante conceder favores,
 Em paga lhe negai desta inconstância,
 Melodia, prazer, sombra, fragrância,
 Aves, campinas, arvoredos, flores.

E estoutro, finamente malicioso, que Voltaire, o mais hábil burilador do madrigal francês e grande sacrificador nas aras do amor inconstante, decerto, não desdenharia:

¹ Sr. Pinheiro Chagas. *Dicionário Popular*.

² Sr. Teófilo Braga. *Bocage, Sua Vida e Época Literária*.

Deixei, por falsa, Arménia encantadora;
 Amei Natércia dura,
 Que foi também perjura;
 Mas era mais que Arménia em tudo linda.
 Depois Célia adorei mais bela ainda:
 Deixei-a por traidora:
 Manha amo agora,
 Que a todas na beleza se realça:
 Porém, se em falta dela,
 Hei-de ter para amar outra mais bela,
 O Céu permita, que me seja falsa.

Neste género ligeiro, a poesia moderna não sabe desferir mais expressivos sons, e é sem receio de que os leitores de apurado gosto nos contradigam que ousamos afirmar serem estas pequenas peças poéticas iguais a muitas das mais suaves e expressivas composições do mesmo fôlego, com que a literatura francesa se orgulha, nas pessoas do seu Banville e do seu Coppée.

Outros géneros cultivou o nosso poeta e em todos revelou primores, os bastantes a proclamarem a injustiça com que a posteridade o tem tratado. Não foi pela via de uma falsa convenção, como alguém quer fazer supor, que Semedo foi arrastado para a corrente poética do seu tempo; foi pela via de uma bem imperiosa e eloquente inspiração, apenas atrofiada, uma ou outra vez, nos moldes apertados do gosto da sua época; moldes que, talentos superiores ao seu, génios até, não puderam quebrar de todo, irrompendo para a posteridade em novas formas literárias, filhas de uma larga intuição do futuro e de uma vasta expansão vitoriosa.

Não podia ser um poeta de engenho medíocre, de pouca valia, aquele que foi o mais terrível adversário de Bocage, terrível não tanto pela dureza dos golpes que lhe vibrou, visto que o desdouro dessa primazia coube todo a Macedo, mas pela altivez e denodo com que terçou com ele as armas, em luta de que o seu glorioso rival saiu mais de uma vez mal-ferido.

Dessa pugna estéril em que os dois membros da Nova Arcádia se digladiaram e que a posteridade lhes censura com menoscabo de ambos, só queremos apurar aqui, a favor da conta em que temos os méritos de Curvo Semedo, a valentia e pujança intelectual de que este último aí deu provas. Temo-lo na conta, não diremos de um grande poeta (pois a par dele, considerando-o tal, o que chamaríamos a Bocage?), mas de um poeta merecedor de ser relido, e ocupando, na história literária do seu tempo, um lugar proeminente assinalado por uma característica e bem determinada individualidade.

De todos os géneros, porém, a que se entregou Curvo Semedo, poeta de quem a menos louvável inspiração foi a de ter fundado a Nova Arcádia, esse ninho de rivalidades e desinteligências mesquinhas, nenhum lhe pode assegurar mais perdurável reputação do que o género ligeiro, mas nessa mesma ligeireza difícilimo, da fábula e do apólogo. Aqui, entendemos que excede em muito a Filinto e que o próprio Bocage raríssimas vezes lhe é superior.

Por isso, também, as suas fábulas vivem decoradas e conservadas na memória do povo, e o consumo completo que tiveram as duas edições que delas se fizeram, bem como a grande vulgarização que às principais têm dado os manuais, cartilhas e livros de leitura que nos últimos trinta anos têm saído a lume, são testemunho seguro do seu alto merecimento, universalmente reconhecido como incontestável.

Dando hoje ao prelo esta 3ª edição, volvidos quarenta anos depois da 2ª, que o

autor já não viu, satisfazemos como editor a uma exigência pública e às indicações do mercado literário, mas, ao mesmo tempo, cumprimos um grato dever de consciência, quase um acto de culto Intimo, o qual nos é imposto pessoalmente pelas mais deleitosas recordações da infância, lembranças imperecíveis daquela saudosíssima idade.

Estas Fábulas de La Fontaine traduzidas por Curvo Semedo, ou, antes, como deveríamos dizer falando com mais propriedade, estas Fábulas de Curvo Semedo (pois nelas o poeta português usou para com La Fontaine, como este para com os seus antecessores no mesmo género literário), estas Fábulas, repetimos, haviam sido leitura predilecta, em verdes anos, de alguém que ainda conhecera e estimara o autor, de alguém ligado ao presente editor e signatário destas linhas, pelos mais apertados laços da vida, os que prendem um filho a um pai.

Foi ao colo deste ente querido, e que hoje é para nós apenas uma sombra luminosa nas evocações do passado, foi sentado nos seus joelhos, que aprendemos a estimar o presente livrinho, decorando ali, no mais doce e tépido convívio, as moralidades carinhosas desses contos em ,miniatura, que os lábios paternos recitavam.

Efectivamente, é para a frescura e inocência de tão despreocupados anos que essas narrações singelíssimas estão adequadas. Curvo Semedo escreveu-as para crianças, e nós, que em criança tivemos a ventura de ouvi-las e compreendê-las, é também para crianças que hoje as publicamos. É nessa idade que ainda há interesse pelo pequenino mundo de entes inferiores a nós, mas quase nossos iguais então, entre os quais se agitam os pequeninos dramas que nos impressionam e comovem. As paixões que ali se embatem são paixões humanas, sim, e por isso mesmo apropriadas à lição que delas urge concluir; mas aparecem-nos reduzidas e como que apertadas numa esfera diminuta, de modo que o entendimento as compreende sem esforço e as conserva sem fadiga.

Não sabemos se, no entusiasmo da nossa apreciação, nos cegará a luz coada por um prisma afectivo, e através do qual menos avultem as cores esmaecidas das impressões actuais, do que os reflexos intensos que nos deslumbraram nos primeiros anos. Mas o que nos parece podermos asseverar, sem receio de incorrerem em pecado grave, perante as altas justiças de uma crítica implacável, é que estas composições, ao mesmo tempo modestas e insinuantes de Curvo Semedo, estão muito longe de merecer o abandono e quase esquecimento a que, muitos anos há, as vemos condenadas.

As fábulas de Curvo Semedo têm seu merecimento característico, individual e próprio. Estão escritas na índole genuinamente portuguesa, que forçosamente teria de distanciá-las da imitação servil dos modelos a que, por humilde e bem cabida deferência literária, o autor se acolhe. Nelas, as descrições são de um pitoresco, esboçado com rapidez e simplicidade, mas de modo que a fantasia infantil com facilidade as concebe e desenha. O metro é popular, habilmente cadenciado numa toada que se facilita à memória pelo ouvido; a rima, nem sempre rica, trivial talvez, mas por isso mesmo prestando-se à familiaridade, sem baizezas nem falta de decência, do estilo; finalmente, a linguagem castigada e pura, despida de neologismos (que aliás a natureza especial do trabalho poderia justificar), antes vazada nos moldes conceituosos do rifão ou do anexim popular, todas as vezes que o caso o permite, e sempre com a mais simples e agradável naturalidade. Os personagens vivem, falam, movem-se, numa comunidade de interesses e paixões, de pequena complicação, facilmente acessíveis aos descuidos ouvintes, em que as lições tiradas desses acontecimentos comezinhos ficam perpétua e indelevelmente gravadas.

Foi isto o que nos sucedeu, é isto o que há-de acontecer a quantos saborearem o mel de tão deleitosos apólogos, antes de estragarem o paladar nos condimentos excitantes de leituras que o mau gosto vulgariza e que, ao contrário destas que

eternamente acordam os ecos alegres e joviais da alma, só trazem após si memórias ingratas, fumos de desilusão e de descrença, como os frutos do Asphaltite, que só deixam nas mãos de quem os colhe pó infecto e cinzas amargas.

9 de Julho de 1883.

H. ZEFERINO DE ALBUQUERQUE

NOTICIA BIOGRÁFICA DO AUTOR

Belchior Manuel Curvo Semedo Torres de Sequeira, cavaleiro na Ordem de Nossa Senhora da Conceição e professo na de Nosso Senhor Jesus Cristo, fidalgo da Casa Real com exercício, servidor da toalha, nasceu na vila de Montemor-o-Novo em 15 de Março de 1766; era filho de Francisco Inácio Curvo Semedo Torres de Sequeira e de D. Mariana Bárbara Freire de Andrade de Vila Lobos e Vasconcelos, de uma das mais distintas famílias da referida vila; neto de Manuel José Curvo Semedo, fidalgo da Casa de S. M., e de João Freire de Andrade Mestre de Campo, alcaide-mor e capitão-mor na mesma vila de Montemor-o-Novo; contando sempre uma série não interrompida de avós ilustres desde o princípio da monarquia, pois descende de D. Paio Curvo, rico-homem no reinado de el-rei D. Afonso Henriques, e de D. Egas Moniz, aio do mesmo rei ³.

Desde os seus mais tenros anos deu provas do seu raro talento e estro pouco comum, que depois o fez conhecer por um dos mais insignes poetas do seu tempo. Aplicou-se ao estudo das matemáticas nas Academias de Fortificação e Marinha desta cidade de Lisboa, onde se distinguiu tanto que alcançou os prémios em todos os seus actos; sendo promovido ao posto de segundo-tenente do Real Corpo dos Engenheiros, foi encarregado de levantar a carta corográfica do reino e de outras comissões importantes do serviço, que desempenhou com plena aprovação. Com tão vantajosos precedentes, por certo seria um dos oficiais mais peritos e de mais merecimento da sua arma, se negócios muito importantes da sua casa não o obrigassem a deixar o serviço militar, pedindo a sua reforma, que obteve em capitão.

Não só foi eminente nas ciências abstractas, mas igualmente se distinguiu nas naturais e belas-artes, como testificam as suas composições poéticas, das quais imprimiu dois volumes em 1803 e outro em 1817 e as anotações que fez aos seus ditirambos, bastariam a mostrar a sua vasta lição, se grande parte destas composições premiadas pela Academia Real das Ciências, e outras inseridas no *Parnaso Lusitano*, compilação das melhores poesias portuguezas, não atestassem o seu tão raro engenho.

Casou duas vezes: a primeira em 1799, com D. Maria José Ludovice de Santa Bárbara e Moura, filha de Joaquim José Ferreira de Santa Bárbara e Moura, fidalgo da casa de S. M. e senhor do morgado de Santa Bárbara, e de D. Ana Rosa Ludovice, neta do conselheiro da Fazenda Francisco de Santa Bárbara e Moura, fidalgo cavaleiro, e de João Pedro Ludovice, fidalgo da casa real e escrivão da Câmara de S. M. na Repartição das Justiças e despacho da Mesa do Desembargo do Paço. A segunda, em 1809, com D. Gertrudes de Portugal da Silveira, filha de D. António Inácio da Silveira, moço fidalgo com acrescentamento a fidalgo escudeiro, e neta de D. Brás Baltasar da Silveira, capitão-general de Minas Gerais e depois governador das armas da província da Beira.

Não obstante as suas occupações, e muitos desgostos domésticos, que bastante o afligiam, e que soube suportar com resignação heróica, jamais deixou de dar pasto aos talentos com que a natureza o dotou; o seu decidido gosto e natural inclinação ao estudo faziam que as suas horas de descanso fossem dadas aos livros e à pena, e em 1820 aparecerão as suas fábulas, que ele com tanta modéstia intitulou «tradução livre das de La Fontaine», sendo bem fácil conhecer a quem as confrontar que deste insigne autor

³ A antiguidade e nobreza desta família se pode ver mais extensamente no livro 2º do cronista-mor de Castela e Índias, D. Luís Salazar de Castro; no nobiliário de D. Pedro, filho de el-rei D. Dinis, ordenado por João Baptista Lavanha, cronista-mor deste reino em 1640; no *Teatro Genealógico* de Manuel de Sousa Moreira em 1693; na *Monarquia Lusitana* do Dr. Fr. António Brandão e Fr. Francisco Brandão, etc.

francês ele aproveitou só os assuntos, vestindo-os e adornando-os com a graça, originalidade e elegância propriamente suas. Mais tarde, em 1835, veio à luz o 5º volume das suas composições poéticas, que um seu amigo compilou dos seus preciosos manuscritos, temendo talvez que estes fragmentos ficassem no esquecimento; mas infelizmente o seu autor, ou fosse pela sua assídua aplicação e continuados estudos, ou por natural moléstia, havia gasto e enfraquecido as suas faculdades intelectuais, e a este tempo já se achava impossibilitado de rever e corrigir o livro; assim saiu ele do prelo cheio de erros, de inexactidões e sem redacção. Graves doenças o acometeram no último período da sua vida, a qual empregou no serviço da Pátria e em utilidade da literatura, até que, preenchidos os dias que o autor da natureza lhe havia concedido, faleceu a 28 de Dezembro de 1838, com setenta e dois anos e quase nove meses e meio de idade ⁴.

⁴ Para complemento desta *notícia*, que nenhuma alusão faz às grandes pugnas literárias em que andaram envolvidos Curvo Semedo e o imortal Bocage, aqui transcrevemos em nota, com a devida vénia, parte de um interessante artigo que o distinto escritor o Sr. Pinheiro Chagas escreveu recentemente, biografando o poeta de quem estamos tratando:

Entrou como sócio na Nova Arcádia, e ali tomou o nome de Belmiro Transtagano. Os seus ditirambos, alguns dos quais são realmente encantadores, e os seus apólogos, que lhe granjearam a denominação ambiciosa de Lafontaine português, foram acolhidos com merecido aplauso, mas, quando apareceu o célebre soneto com que os árcades fulminaram Bocage, e que principiava:

Há junto do Parnaso um turvo lago

Bocage, furioso, não sabendo a quem havia de atribuir o soneto, arremeteu contra todos, e Belchior Curvo de Semedo apanhou também a sua dose. O epíteto com que Bocage o mimoseou foi o de *vão Belmiro*. Curvo de Semedo não recuou e bateu-se valentemente com o grande poeta, sendo um dos poucos que não ficaram esmagados na luta. O primeiro soneto que lhe disparou foi o que principia:

*Morreu Bocage! Sepultou-se em Goa!
Chorai moças venais, chorai, pedantes,
O insulso estragador de consoantes
Que tantos tempos aturdiu Lisboa.*

Noutra ocasião jogava-lhe o seguinte epigrama:

*«Passei três dias em fazer dez versos»
A fofo vate Eurípides dizia:
«Pois eu», diz-lhe ele, «faço mil num dia.»
«Não duvido», lhe torna o sábio em troco;
«Porém com esta diferença, ó louco!
«Que os meus dez serão anos mil prezados,
«E os teus mil, nem três dias suportados.»*

Na epístola a Quintanilha aludia cruelmente a Bocage, porque lhe dava com balda certa, agredia-o pelo seu orgulho, pela sua vaidade, pelos imodestos gabos que não se envergonhava de tecer a si próprio:

*E é contudo aplaudido, porque um néscio
Acha outro néscio, que lhe dê louvores.*

.....
*Mas hoje, para ser poeta insigne,
Basta dizer: Componho inclitos versos:
E, depois de vestir com falsas cores
Hipérbole ou antítese rançosa,
Exclamar: Isto é meu, isto não morre.
O amor-próprio dá leis, reina a vaidade.*

Como se pode imaginar, Bocage pagava-lhe com usura os epigramas. Belchior Curvo de Semedo abusava um pouco dos diminutivos. Era a esse tique ou a esse defeito que Bocage aludia no seguinte soneto:

*Junto ao Tejo, entre os tenros Amorinhos
As belmíricas Musas pequeninas,
Para agradar a estúpidas meninas
Haviam fabricado uns bonequinhos.*
.....

*Eis Tágide louçã, de ebúrneo colo,
A quem não vencerá, por mais que lute,
O nosso Belmirinho, anão de Apoio.*

*Surge de água, e lhe diz: «Filhinho, escute!
«Olhe com que notícia hoje o consolo!
«É poeta do rei de Lilipute.»*

O mais feliz de todos os sonetos vibrados por Bocage a Belmiro é o que se liga a uma anedota, que provavelmente não é verdadeira, porque parece antes uma imitação de outra que se conta de Quevedo e Montalvan, mas que é *ben trovata*. Diz-se que um amigo dos dois poetas, querendo congraçá-los, os convidou para jantar, e conseguiu efectivamente reconciliá-los. À sobremesa pediu-lhes que recitasse cada um deles a sua poesia predilecta. Bocage recitou o idílio do *Tritdo* e Belmiro uma em que figurava Pã. Bocage não pôde resistir. Apenas Belmiro acabou, desfecha-lhe o seguinte soneto à queima-roupa:

*Belmiro, que entre os pâmpanos farfalha,
Afectando entoar canções divinas,
Fez, cansado de asneiras pequeninas,
Uma que até percebe a vil gentalha.*

*Nesse idílio em que Fauno irado ralha
O divino amador das frases finas,
Pôs o cornudo Pá, deus das campinas,
De bruços a beber em vinea talha.*

*Que mesquinhez de vate! que insolência!
Tudo por cinco réis, quando o mesquinho
Cum púcaro poupava esta indecência.*

Escusado é dizer que as hostilidades recomeçaram. A anedota pode não ser autêntica, o soneto é que o é, sem dúvida alguma, e é excelente.

Quando Bocage estava próximo a expirar, foi que os dois ilustres poetas se reconciliaram em versos dignos do elevado talento de um e de outro. Belchior enviou-lhe uma poesia magnífica, que principiava:

*Ao som da lira o trácio, egrégio vate
Demanda as tristes regiões do luto,*

Bocage respondeu-lhe * com alguns desses versos admiráveis, que a aproximação da morte parecia inspirar-lhe:

*Agora, que ao seu labrego retiro
Como que a baça Morte me encaminha,
E o coração, que as ânsias lhe adivinha,
Débil se ensaia no final suspiro:*

*Musa de Elmano, e Musa de Belmiro,
Una-se a glória sua a glória minha:
Meu nome aguarentou com voz mesquinha,
Eu justo ao seu não fui, e a sê-lo aspiro:*

A graça, originalidade e elegância de estilo que se acha na versão, ou, para melhor dizer, imitação das fábulas de La Fontaine, em que seu autor soube tão bem copiar este génio singular da França neste género de poesia, junto à moralidade tão naturalmente deduzida em cada uma delas, nos induziu a publicá-las novamente, convencidos de que nisto fazemos um serviço à mocidade, oferecendo-lhe tão boa lição para que, como diz o mesmo autor no seu prólogo, ela possa com o encanto da fábula não conhecer o amargor da moral tão necessária aos usos civis e à existência da sociedade.

Mostrando neste nosso empenho a nossa gratidão pela memória do seu autor, vamos assim a dar nova publicidade a uma produção que, se não é a única neste género, sem dúvida é, segundo o nosso entender, a mais perfeita que em linguagem portuguesa tem aparecido. Esperamos que o público acolha esta segunda impressão com a mesma

Belmiro sobreviveu muito tempo a Bocage, e, pior ainda, sobreviveu a si mesmo. Em 1803 publicara o 1º e o 2º volumes das suas *Composições Poéticas*, publicou o 3º em 1817, o 4º em 1835. Ainda vivia, ou antes ainda vegetava. As suas faculdades mentais tinham-se de súbito apagado.

* Os versos em que Bocage respondeu à poesia de Semedo não são os que o Sr. Pinheiro Chagas cita. Os dois poetas trocaram entre si os dois sonetos seguintes, sendo de Semedo o primeiro e de Bocage o segundo:

*Ao som da lira o trácio egrégio vate
Demanda a triste região do luto,
Encanta as fúrias e adormece o bruto,
Que no Orco às sombras por três bocas late:*

*Obtém do esposo da triforme Hecate.
Da amada a posse, de suspiros fruto.
Que a maga força do seu canto arguto,
Lhe alcança o ledó, insólito resgate;*

*Mas se trouxe da estância sonolenta
De novo ao mundo a mísera consorte,
Da lei geral foi vítima cruenta:*

*Mais digno Elmano do favor da Sorte,
Como do Letes o seu nome isenta,
Salva seus dias do furor da morte.*

*

*Maga lira de Amor, que ao trácio vate
Lá na estância fatal dos ais, do luto,
Deste ameigar o enorme, horrível bruto,
Que no férreo portão braveja, e late!*

*Lira piedosa, que apiedando Hecate
Colheste em chão da morte um doce fruto!
Revives no áureo plectro ameno, arguto.
Do letal cativo alto resgate:*

*Sim, divino cantor; na sonolenta
Mansão das Parcas, se a gentil consorte
Visses em flor cair, por lei cruenta:*

*Portas do Orco (arrancando a chave à Sorte)
Desfecharas co'a mão de susto isenta,
E outro milagre sofreria a morte.*

benevolência com que tanto distinguiu a primeira, quando saiu à luz.

PRÓLOGO DO AUTOR ⁵

João de La Fontaine, tão conhecido no mundo literário pelas suas fábulas morais, foi meramente um fecundo tradutor, ou imitador das fábulas de Esopo, Fedro, Avieno, Pilpay e outros, como declara o seu apologista Naigeon ⁶, contudo, De La Fontaine adornou estas fábulas com tal graça, energia e naturalidade que pode ombrear no mérito com os autores de quem as extraiu; porque se não as inventou, inventou o modo de as escrever, e de se exprimir, como se explica um sábio da França ⁷.

O nosso bom português Filinto traduziu as fábulas de La Fontaine em versos brancos, endecassílabos; mas perdoem-me os seus adoradores; ninguém que tiver inteligência do que é boa metrificação e um gosto apurado as poderá ler com satisfação, encontrando pela maior parte, nelas, uma linguagem afectada, versos duros e dissonantes, contrários à boa poesia ⁸; além da obscuridade do sentido, que as torna, as mais das vezes, enigmáticas.

Em nenhum idioma, segundo a opinião de La Harpe ⁹, se poderá bem traduzir as fábulas de La Fontaine, porque este sábio escritor se enuncia de um modo tão particular, que parece ter inventado um novo modo de se exprimir; convencido desta asserção, propus-me não a traduzir, mas a imitar De La Fontaine, fazendo a respeito dele o que ele fez a respeito de Esopo, Fedro, Pilpay, Avieno e outros, que se aproveitou dos assuntos, e os vestiu e adornou com aqueles enfeites e graça de que a sua fecunda imaginação era susceptível.

Com reflexão escolhi as fábulas que me pareceram melhores; empreguei, pela maior parte, o verso de redondilha maior, por ser o mais fácil de se repetir e decorar; usei o estilo médio, uma frase corrente, e natural, sem omitir os prolóquios e idiotismos da nossa linguagem, convencido de que, se os Faunos trazidos dos bosques não devem, segundo o parecer de Horácio ¹⁰, falar numa linguagem polida, e culta, com a mesma

⁵ Curvo Semedo, neste prólogo, revela um conhecimento acanhado do grande vulto literário de La Fontaine. Não podia deixar de ser assim. Então, a última palavra da crítica tinha-a pronunciado La Harpe, e o nosso escritor, aferrado de mais a mais às tradições clássicas, faria um verdadeiro milagre se conseguisse enxergar nas brumas do seu tempo o alto pedestal em que só a crítica moderna soube erguer o grande fabulista, consagrando-o como um génio assombroso. Não admira que o nosso poeta, educado no meio deplorável das academias fúteis do seu tempo, caísse no mesmo erro em que tinham incorrido tantos homens de letras até então, a começar pelos dois astros do século de Luís XIV, Racine e Boileau. Foram estes os primeiros que não perceberam a grandeza de La Fontaine.

⁶ Il est bien démontré aujourd'hui, que La Fontaine n'a rien inventé, c'est-à-dire, pour éviter tout équivoque, et déterminer le sens précis que j'attache à ce mot, que aucun des sujets de ses fables ne lui appartient. Après avoir douté longtemps de ce fait, j'en ai trouvé des preuves incontestables; et je sais que plusieurs personnes très instruites ont fait sur ce objet des recherches curieuses, qui les ont conduites au même résultat.

⁷ On a dit que La Fontaine n'avoit inventé; il a inventé sa manière de écrire, et cette invention n'est pas devenue commune.

(*La Harpe, Lic.*, tom. 6, cap. 11.)

⁸ Il n'y a point de bonne poésie sans harmonie.

(*De La Font.*, préface aux Fables.)

⁹ Qu'on ne peut traduire en aucune langue, parce que il s'en est fait une, qui lui est propre.

(*La Harpa. Lic.*, tom. 6, cap. 11.)

¹⁰ *Silvis deducti caveant, me iudice, Fauni,
Nec velut innati triviis, ac poenè forenses,*

razão as feras que habitam as brenhas, quando se lhes finge o dom da expressão, esta deve ser simples e natural, sem os adornos da arte, porquanto a simplicidade do tom não exclui, segundo La Harpe ¹¹, a finura e sublimidade do pensamento.

Posso dizer que muitas vezes nem traduzi, nem parafraseei; apoderei-me do assunto, alterei-o a meu modo, esclareci onde era obscuro, cortei o que julguei supérfluo e aumentei onde carecia de adorno, emendando muitas inverosimilhanças, debaixo do princípio de que as propensões características dos animais nunca se devem alterar, para não vermos os Delfins pelos bosques e os Javalis pelas ondas, como diz Horácio ¹². Os que respeitam De la Fontaine com fanatismo talvez que me arguam de maledicente, mas devem também arguir o seu apologista Naigeon ¹³ que lhe confessa estes defeitos.

Recomenda o insigne Muratori a composição de fábulas morais em verso, à maneira de Fedro. Avieno e outros, como fez La Fontaine; porque nestas fábulas, diz ele ¹⁴, se desenvolve a filosofia dos costumes, e a prática da vida civil, e consegue-se este fim inventando novas fábulas, ou traduzindo as dos antigos autores. Eu, anuindo a esta recomendação, inventei alguns apólogos, que vêm impressos no 1º e 3º volumes das minhas composições poéticas; e extraí do 1º volume de La Fontaine as que apresento ao público, dando à mocidade portuguesa um livro onde, misturando o útil com o agradável, possa com o encanto da fábula, não conhecer o amargor salutar da boa moral, tão precisa para a existência política da sociedade.

Talvez que tachem algumas destas fábulas de extensas, porém estas composições, à maneira dos outros poemas, constam de uma acção, que tem a sua marcha, o seu desenvolvimento, progressos, incidentes, duração e êxito; e nas quais se deve ver um espaço preenchido, um fim, e meios para chegar a ele, como nos diz o cidadão Naigeon ¹⁵. Se um poema, ou uma fábula é boa, não enfastia, ainda que seja longa, e se é má aborrece, por mais curta que seja: se eu desempenhei a primeira, nada me importa que

Aut nimium teneris juvenentur versibus unquam,

(*Art. Poet.*, vers. 242.)

¹¹ Cet esprit si simple et si naïf dans la narration, est très juste, et souvent même très fin dans la pensée; car la simplicité du ton n'exclut la finesse du sens.

(*Cours de Littérat.*, tom. 6, cap. 11.)

¹² Delphinum sylvis appingit, fluctibus aprum.

¹³ Le style de La Fontaine manque trop souvent de noblesse, et de correction. [...] il y en a dont la morale est commune, de autres où elle vague indéterminée, contradictoire, et dont on peut tirer des résultats opposés aux siens, et souvent mieux fondés, et de autres en fin où l'on trouve des maximes fausses, &c.

(*Notice sur la vie de La Fontaine.*)

¹⁴ Può tuttavia desiderarsi... che a la guisa di Fedro liberto de Augusto, e de Avieno chiuda in versi alcune favolette così fatto argomento face risonare nel secolo passato, fra i Poeti Franzesi il nome del Sig. della Fontana... Ma vorrei che con opera tal si spiegasse tutta, o in parte la filosofia de' costumi, e la pratica della vita civile, in qualche maniera se mira idiata questa, che può chiamar-si philosophia de immagine, nelle favole deli' acutissimo Esopo; ed io porto opinione che sommamente utile sarebbe una fatica o s'identassero, o si prendessero da' vecchi autori le favolette; o fessero queste apologi de bruti, de uccelli, e daltre simile cose...

(*Murator. della perf. Poes. Itali.*, tom. 2, cap. 7.)

¹⁵ Une fable, de même que la plus part des autres poèmes, est un action qui a sa marche; ses développements, ses progrès, ses incidents, sa durée, son dénouement, et dans la quelle ou doit voir un espace parcouru, un but, et des moyens pour y arriver.

(*Notic. Sur la vie de La Fontaine.*)

me julguem extenso.

FÁBULAS

A FORMIGA E A CIGARRA

Tendo a cigarra cantado
Todo o Verão sem governo,
Em nada tinha cuidado,
E era o princípio do Inverno.
Achava-se desprovida
Do sustento para a vida;
Triste futuro augurava
Na colisão em que estava;
Lembrou-lhe certa vizinha
Dona Formiga de Tal,
Que um farto celeiro tinha,
Posto que era voz geral
Ser mui pouco liberal.
Foi a sua casa então
E estendeu-lhe este panal:
«Vizinha do coração
»A seus pés hoje aqui venho
»Fazer-lhe uma petição,
»Caem-me as faces no chão
»Pela vergonha que tenho.
»É o negócio: eu queria
»Que me emprestasse algum grão
»Do que Vossa Senhoria
«Nos seus celeiros encerra,
»Pois que esta mesquinha terra
»Me tem sido tão fatal!
»Quando vier Julho ardente
»Serei muito pontual
»Em pagar-lhe exactamente,
»Não só o seu principal,
»Mas aquilo em que assentarmos
»Nos ajustes que tratarmos.»
Esteve-lhe ouvindo tudo
Mui seriamente a formiga,
E torna-lhe em tom sisudo:
«Que fez no Verão, amiga?»
«Que fiz?, amada senhora»,
Diz a cigarra: «Cantei.»
«Era o mesmo que eu pensei,
»Pois pode bailar agora»,
A formiga respondeu;
«Fizesse como fiz eu,
»Que trabalhei no Verão
«Para no Inverno ter pão.

»Quem só nos divertimentos,
Sem cuidar na subsistência,
Ocupa os seus pensamentos,
Quando cair na indigência
Conte que o mesmo há-de ouvir
Àqueles a quem pedir.

O CORVO E A RAPOSA

Trazia um queijo furtado
Faminto corvo agoureiro,
E foi com ele no bico
Pousar num alto sobreiro.
Uma raposa que o viu,
Disse: «Quem furta a ladrão,
»Segundo um velho ditado,
»Tem cem anos de perdão.
»Se ir-lhe ao poleiro não posso,
»Porque não pousou mais perto,
»Valha-me o ardil da lisonja,
»Laço onde cai tanto esperto.
»Depois, chegando ao sobreiro,
No corvo os olhos fitou,
E fazendo-lhe uma vénia
Desta sorte lhe falou:
«Guardem-te os Céus, ave excelsa,
»De águia real viva imagem,
»Que belo talhe que tens!
»Que linda cor de plumagem!
»É dor que o Céu não quisesse
»Fazer-te amável em tudo,
»Foras o assombro da Terra
»A teres voz, mas és mudo!»
Logo ao néscio de mostrar-lhe
Que tem voz cresce o desejo,
E um grasno soltar querendo
Abre o bico, e cai-lhe o queijo.
Eis a raposa lho apanha,
Come-o, e diz-lhe: «Reconhece,
»Corvo estulto, que a lisonja
»Sempre é filha do interesse.
»Vive à custa o lisonjeiro
»De quem preza adulações,
»Comi o teu queijo, e em paga
»Te dou tão sábias lições.»

A RÃ E O BOI

Num prado uma rã
Um boi contemplou,
E ser maior que ele,
Vaidosa intentou.
A pele enrugada
Inchando alargou,
E às leves irmãs
Assim perguntou:
«Maior que o boi
»Ó manas, já sou?»
«Não és», lhe disseram,
E a rã lhes tornou:
«E agora inda não?»
E mais inda inchou.
Eis logo de todas
Um não escutou.
Inchar-se invejosa
De novo buscou,
Mas dando um estouro
A vida acabou.
Também, se em grandeza
Vencer procurou
O pobre ao potente,
Por força estourou.

OS DOIS MACHOS

Encontraram-se dois machos
Em um caminho deserto,
E os moços tinham ficado
Bebendo vinho ali perto.
Um era do Estado e vinha
Carregado com dinheiro,
O outro farinha levava,
Tendo por dono um moleiro.
O que trazia a riqueza
Era mais forte e mais moço,
Tinha albarda, atafais novos
E campainha ao pescoço.
O que levava a farinha
Ia todo num frangalho,
Rota albarda, atafais podres,
Nem sequer tinha um chocalho.
O primeiro, blasonando
Da grandeza em que se via,
Ao segundo, velho e pobre,
Mofas e injúrias dizia.
Eis que dum bosque saltou
De ladrões um bando ingente,
E ao que levava a riqueza
Atacam subitamente.
Ele, fiado em ser forte,
Quer-lhes fugir, mas em vão,
Que três facadas no peito
Pregam com ele no chão.
Por morto os ladrões o deixam
Roubando-lhe o ouro que tinha,
Ficando isento do estrago
O que levava a farinha,
O qual para trás voltando,
Vendo o amigo moribundo,
Clama: «Por pobre escapei,
»Vejam bem o que é o mundo!
»E na Terra, as mais das vezes,
»Dita o viver ignorado,
»Tem risco maior na queda
»O que está mais levantado.»

O LOBO E O GOZO

Em manhã nublada e fria,
 Um velho lobo esfaimado
 Sua sorte maldizia,
 Que tamanho era o cuidado
 Dos guardadores do gado;
 Eis que mui gordo, e mui nédio,
 Vê vir um gozo anafado
 Que lhe não faria tédio
 Se o comesse, mas temia,
 Pelo estado em que se via,
 Combater, e sair mal,
 E a manhã, por brusca e fria,
 Ter questões não permitia;
 Eis prudente em caso tal,
 De projectos variando,
 Fez-lhe grande cortesia,
 Mui submisso elogiando
 Sua formosa figura,
 Asseio, porte e gordura;
 A louvores tais sensível
 Torna-lhe o gozo aprazível:
 «Se esta vida, esta ventura,
 »Gozar queres, novo amigo,
 »Deixa o campo e vem comigo,
 »Viverás sempre em fartura,
 »Verás sempre de comer,
 »Tenros ossos que roer,
 »De peru, frangão, perdiz.
 »Eis o atalha o lobo, e diz:
 «Saber quero, caro amigo,
 »O que é preciso fazer
 »Para tanta dita obter.»
 «Não o sabes? Eu to digo»,
 Lhe responde o gozo honrado,
 «Deves ter muito cuidado
 »Em guardar a toda a hora
 »A porta do teu patrão,
 »Vedar que entre algum ladrão;
 »Sempre ladrar aos de fora
 »E aos de casa fazer festa;
 »Mais dizer-te ainda me resta,
 »Que também não será mau,
 »Que não corras sobre os gatos.
 »Quando lamberes os pratos,
 »Que pode vir algum pau
 »E fazer-te o catatau;
 »Deves também ter cuidado

»Em ser em casa asseado;
 »Que se o que eu digo fizeres
 »Evitarás desprazeres,
 »Verás o rosto à ventura.
 »Sem trabalho e com fartura.
 »O bom lobo do que ouvia
 De prazer pranto vertia
 E impaciente de alvoroço
 Dizia ao gozo: «Voemos,
 »Por ver se chegar podemos
 »Hoje inda às horas do almoço;
 »Mas espera, amigo caro!,
 »Eu agora é que reparo!
 »O que tens tu no pescoço?»

CÃO

«Quem, eu? Isto não é nada.»

LOBO

«Não é nada! Isso é asneira!»

CÃO

«Quase nada, brincadeira.»

LOBO

«Pois daqui não movo um pé
 »Sem saber isso o que é.»

CÃO

«É o calo da coleira.»

LOBO

«Quê?, tu vives em prisão?»

CÃO

«Vivo, sim, isso que tem?
 »Como, bebo, passo bem,
 »E amigos meus todos são.»

LOBO

«Pois regala-te por lá,
 »Que eu antes sem sujeição

»Quero pobre viver cá,
»Sofrendo fome e lazeira,
»Do que assistir na cidade,
»Bem que passe à cavalheira,
»Tendo presa a liberdade.
»Nisto, dando uma carreira
Para o bosque mais vizinho,
Foge, e deixa o cão sozinho:
Que dando atenção severa
Ao que de ouvir acabava,
Conheceu bem que não era
Tão feliz como julgava.

O LEÃO EM SOCIEDADE COM A OVELHA, A CABRA E A NOVILHA

A cabra, a ovelha, a novilha,
 Topando um velho leão,
 Pediram-lhe a paz, fazendo
 Amigável convenção.
 Juraram que tudo quanto
 Por qualquer fosse apreendido
 Seria por todos quatro
 Irmãmente repartido.
 Conveio o leão no ajuste
 Por estar velho e pesado ¹⁶,
 E à custa das companheiras
 Projectou ser sustentado.
 Saíram à caça, e logo
 Em triunfo as três trouxeram
 Um saco cheio de pão.
 Que uns viajantes perderam.
 Eis pelas unhas contando
 O leão os animais,
 A presa dividiu logo
 Em quatro partes iguais;
 E diz: «Como rei das feras
 »Tenho o primeiro quinhão,
 »Também agora o segundo
 »Me toca por ser leão;
 »Dá-me a posse do terceiro
 »O direito do mais forte,
 »E quem se atrever ao quarto
 »Conte de certo coa morte.
 »As três, que em jejum ficavam,
 Não se opunham por temor,
 Mas diziam: «Não se dá
 »Patifaria maior!»
 Desmancham logo o tratado,
 Conhecendo que os que têm
 Contratos com poderosos
 Raras vezes ficam bem.

¹⁶ Era preciso o motivo de estar velho e pesado para poder convir no ajuste com animais que podia logo devorar.

O AMOR-PRÓPRIO

«Quero mudar a figura»
 (Disse Júpiter potente)
 «A todo o animal que esteja
 »Da que lhe dei descontente.
 »Num vasto campo os ajunta,
 E com tranquila paciência
 Do seu projecto os informa,
 E entra a dar-lhes audiência.
 Vem primeiro o mono à cena,
 E então Jove lhe procura
 Se o seu feitio lhe agrada,
 Ou se quer nova figura.
 Responde-lhe o mono: «Eu vivo
 »Do que sou mui satisfeito
 »Porque dentre os animais
 »Nenhum vejo mais perfeito;
 »Se me desses do urso a forma,
 »Logo te pedia emenda,
 »Que não há bruto mais feio,
 »Nem figura mais horrenda.
 »O urso então veio, e julgou-se,
 Pela expressão do Bugio,
 Que pediria mudança
 Do seu enorme feitio.
 Porém não, antes clamou:
 «Que importa que fale o vulgo,
 »Jove, eu não peço mudança,
 »Que o mais perfeito me julgo.
 »Que me trocasses a forma
 »Eu te pediria incessante,
 »Se tão feio me fizesses,
 »Como fizeste o elefante:
 »Que tem os dentes disformes,
 »Tromba enorme, olhos pequenos,
 »Que o quanto avulta em orelhas
 »Na cauda mostra de menos.
 »Eis o elefante escutando
 Seus defeitos assoalhar,
 Julgou inveja o que ouvia,
 E nada quis emendar.
 Diz que excede a todos eles
 Em força, garbo e figura,
 E de avultada baleia
 Critica imenso a grossura.
 Também Madama Formiga
 Faz mil críticas à pulga;
 Chama-lhe anã, e um colosso

À vista dela se julga.
Nisto, ao som de mil ditérios
Pago de si, chega o burro,
Mas Jove grita: «Silêncio.
»E acaba logo o sussurro.
Pergunta-lhe o Deus se os insta
De mais talento o desejo,
Mas tornam-lhe ainda os mais tolos:
«Disso temos de sobejo!»
Então de ouvir enfadado
Do amor-próprio o louco excesso,
Faz-lhes estas reflexões.
Dando por findo o congresso:
«Vedes com olhos de lince
»Leves defeitos dos mais,
»E com olhos de toupeira
»Para os vossos sempre olhais.
»Criticais faltas alheias
»E as mesmas tendes em suma,
»Em vós tudo é desculpável,
»Nos outros coisa nenhuma.
»Disse, e foi das obras suas
Nimiamente satisfeito,
Visto que qualquer se julga
De todos o mais perfeito.

A ANDORINHA E OS PASSARINHOS

Veloz andorinha astuta
Havendo o mundo corrido,
Tinha as suas viagens
Luzes não poucas obtido.
No vário aspecto dos astros
O tardo futuro lia,
E as próximas tempestades
Aos viajantes previa.
No tempo em que se semeia
Viu colono diligente
Lançar na terra lavrada
Do linho a fértil semente:
«Isto não me apraz», diz ela
Às aves mais pequeninas,
«Oh, quanto, quanto receio
»Vossas futuras ruínas!
»Nascerão daqui a pouco
»Destas sementes que vedes
»Para prender-vos os laços,
»Para matar-vos as redes.
»Não é por mim, é por vós,
»Que temo este mal futuro,
»Que em me perseguindo abalo,
»E estranhos climas procuro.
»Para evitar vossos danos
»Correi, correi prontamente,
»Esgravatai nessas leiras,
»Comei-lhe toda a semente.
»As aves zombaram muito
Do que a andorinha ensinara,
E em breve tempo cresceu
A verdejante seara.
Novamente a profetisa
Lhes diz: «Ó loucas voai,
»E desta mesquinha planta
»Folhas e hastes arrancai;
»Vede que a ruína vossa
»Desta colheita virá,
»E quando queirais coibi-la
»Nenhum remédio terá.»
«Profetisa de infortúnios,
»Insofrível palradora,
»Deixa-nos», dizem as aves,
«Se tens medo, vai-te embora.
»Chega o tempo da colheita,
E diz de novo a andorinha:
«Isto não vai bem, ó loucas!,

»O vosso mal se avizinha!
»Dos meus prognósticos sábios
»Tendes zombado infinito,
»Esse fatal grão poupastes
»E nasceu todo o maldito!
»Em terminando as colheitas,
»Aqueles que tratam delas,
»Estando em ócio, hão-de armar-vos
»Redes, laços, esparrelas;
»Produção da sementeira
»Que poupastes preguiçosas:
»Tomai o partido, ó néscias,
»De esconder-vos cautelosas;
»Não andeis de veiga em veiga
»Sempre aos pulos descuidadas,
»Vivei no vosso aposento,
»Nunca sereis apanhadas.
»Se fôsseis sábias, devíeis
»Fazer o mesmo que eu faço,
»Que se estou mal neste clima,
»A clima estranho me passo.
»As aves, quando a escutavam,
Grande gralhada faziam,
Qual a Cassandra os Troianos
Quando os augúrios lhe ouviam.
Mas pouco tempo tardou
Que elas todas, por seu mal,
Realizado não vissem
O prognóstico fatal!
Que umas, caindo nas redes,
A liberdade perdiam,
Outras na falsa esparrela
Mortas aos centos caíam;
Que o bem se crê facilmente
Quando anunciá-lo ouvimos
E pelo contrário os danos
Só os cremos quando os vimos.

OS DOIS RATOS, UM DO CAMPO E O OUTRO DA CIDADE

Certo rato, que na corte
 Vivia em nobre morada,
 Foi esparecer ao campo
 Uma vez de madrugada.
 Eis encontrou no caminho
 Pobre rato camponês,
 Que apenas o viu, parando,
 Submissa vénia lhe fez.
 «Guarde-te o Céu, bom campónio»
 (Disse o da corte ao vilão),
 «Certamente nestes campos
 »Tens a tua habitação.»
 «Sim, Senhor», ele lhe torna,
 «E se Vossa Senhoria
 »Quisesse honrá-la, entrar nela,
 »Grande gosto me daria!»
 «Entrarei por descansar»,
 Respondeu-lhe o cortesão,
 «És bom moço, contar podes
 »Com a minha protecção.»
 Partem ambos, e se metem
 Por uma buraca estreita,
 Pouco atrás indo o campónio,
 Dando ao fidalgo a direita.
 À porta chegam da toca,
 Entra o da corte primeiro;
 Não sabe o vilão que faça
 A tão nobre cavalheiro.
 E diz-lhe: «Cumpre, senhor,
 »Que hoje Vossa Senhoria
 »Me desculpe não poder
 »Tratá-lo como devia;
 »Vou fora cuidar de arranjos.
 »O outro diz: «Pois vai, amigo,
 »Mas olha bem que eu não quero
 »Cá cerimónias comigo.
 »O vilão sai, trepa às moitas,
 E um bom saque dando aos ninhos,
 Traz ao seu lar frescos ovos,
 Traz implumes passarinhos;
 Entra e sai, volta, e lhe arranja
 A mesa onde era a salinha.
 Põe-lhe a caça que trouxera
 E tudo o melhor que tinha.
 Em pé não longe do rico,
 Com a maior submissão,
 Assim lhe fala, de pejo,

Pregando os olhos no chão:
«Supram, senhor, os desejos
»Ao que nesta mesa falta,
»Que bem sei que tudo é pouco
»Para pessoa tão alta!»
«Bom campónio, apraz-me tudo»,
O fidalgo então lhe diz,
«És bom moço, tens virtudes,
»Quero fazer-te feliz.
»Irás comigo à cidade
»Gozar da minha grandeza,
»Conhecerás o que é bom,
»Dois trincos dando à pobreza.
»De gosto o vilão saltando
Ficou quando tal ouviu,
Prostrou-se a beijar-lhe os pés;
Mas ele não consentiu.
Assim que o jantar findou
O passeio começaram
E quando foi noute escura
À corte se encaminharam
Chegando a palácio excelso,
Disse o cortesão inchado:
«Ao meu solar majestoso
»Temos amigo chegado.
»Do jardim por uma fresta
Entraram como convinha,
Desceram, subiram muito,
Até entrar na cozinha.
Do rico espólio da ceia
Entraram na possessão:
Do que viu ficou parvinho
De boca aberta o vilão!
Foi à mesa da cozinha,
E as mãos sobre a louça pondo,
Deitou dois pratos a terra
Fazendo um imenso estrondo;
Acudiu à bulha um moço,
Trouxe luz, viu a parelha,
Entrou com eles de volta
Batendo arrochada velha.
Sabia os cantos à casa
O cortesão, e moscou;
Mas o campónio metido
Na contradança ficou.
Pregava pulo de corça,
E o pau no lombo a malhar:
Até que a loiça caiu,
E teve léu de escapar.
Com muito susto e fadiga,

Por onde veio tornou,
E quando em casa se viu,
Beijando a terra, exclamou:
«Mais não me há-de seduzir
»Da vã grandeza o esplendor,
»Que é muito funesto o prazer
»Quando o perturba o temor!»
De inquietações combatida
É um flagelo a grandeza,
No seio da paz sem sustos
É mais ditosa a pobreza.

O LOBO E O CORDEIRO

Num rio matava a sede
 Tenro anafado cordeiro,
 E mais acima, igualmente,
 Bebia um lobo matreiro.
 Podia a fera faminta
 Logo saltar e ir-lhe ao pêlo;
 Mas sem pretexto não quis
 Agadanhá-lo e comê-lo.
 Bradou-lhe: «Ó lá, Sô Tratante,
 »Espere, que eu já lá vou!
 »Turba-me as águas que bebo,
 »Sem atender a quem sou?»
 Diz-lhe ele: «Bem vê, senhor,
 »Que está da parte eminente,
 »E que de lá vindo as águas,
 »Turbar não posso a corrente.»
 «Turbaste-a, sim», diz o lobo;
 «Além disso, o ano passado,
 »Tanto mal de mim disseste,
 »Que ia ficando infamado!»
 «Veja», torna-lhe o cordeiro,
 «Senhor, que está iludido,
 »Por que eu este ano passado
 »Inda não era nascido.
 »Raivoso, de olhos em brasa,
 Responde o lobo glutão:
 «Pois se acaso tu não foste,
 »Foi teu malédico irmão.
 »O titubante cordeiro,
 Que já em tremuras vive,
 Lhe diz: «Senhor, é engano,
 »Por que eu irmãos nunca tive.»
 «Se ele não foi, foi teu pai,
 »Agora estás convencido»,
 Disse o lobo, e num momento
 Foi o cordeiro engolido!
 Que para dourar seus crimes,
 Sempre o sagaz prepotente
 Quer ter por base a razão,
 Inda que seja aparente.

OS LADRÕES E O BURRO

Dois malfeitores ladrões
Ruço jumento furtaram,
E para deserto bosque
Cautelosos o levaram.
Disse um deles: «Vou agora
»De escuro pintar-lhe o pêlo,
»E na feira de amanhã
»Sem susto posso vendê-lo.»
«Não quero o burro vendido»,
O outro ladrão replicou,
«Preciso dele na estrada
»Quando venho, ou quando vou.»
«Há-de vender-se amanhã»,
Disse este, pregando um grito.
«Não há-de, com mil diabos!»,
O outro bradou, «tenho dito».
Foi uma atroz bofetada
Consequência da questão,
Depois dois pulos atrás,
E aguda choupa na mão.
«Maroto», um deles dizia,
«Hei-de a facadas cosê-lo.
»O outro gritava: «Patife,
»Vou em cavacos fazê-lo.
»Enquanto os dois se entretinham
No atroz combate cruento,
Veio um terceiro ladrão,
Que lhes levou o jumento.
Assim alguns reis propugnam
Por terras que têm tomado,
E outro vem, delas se apossa,
E os deixa em pior estado.

SIMÓNIDES POETA PROTEGIDO PELOS DEUSES

A Simónides, que fora
 Facundo argivo poeta,
 Procurou um dia em casa
 Um novo enfunado atleta.
 Havia em dúbio certâmen
 Vencido o seu contendor,
 E em áureos versos queria
 Ver cantado o vencedor.
 Ajustou dar um talento
 De prémio ao sublime vate,
 Pedindo que erguesse às nuvens
 Aquele egrégio combate.
 O sábio empenhou no encómio
 Toda a força da eloquência,
 Hipotiposis mostravam
 Ao vivo a nobre pendência.
 Mais que dizer não havia;
 Porque o destro aventureiro
 Era de família obscura,
 E este o certâmen primeiro
 Com as flores da eloquência
 Ornou o grato elogio,
 Símbolos e paralelos
 Serviram de áureo atavio.
 Aos gémeos Castor e Pólux
 O seu herói comparava,
 E as nobres acções daqueles
 Amplamente numerava:
 De sorte que uns bons dois terços
 Do poema que tecia,
 Em digressões agradáveis
 Aos dois gémeos pertencia.
 Findo e copiado o encómio,
 A casa o levou do atleta,
 Que depois de o ler três vezes
 Disse ao facundo poeta:
 «Meu louvor neste poema
 »Só ocupa a terça parte;
 »Portanto, do que ajustámos
 »Só devo o terço pagar-te.
 «Os dois gémeos, a quem tanto
 »Teus nobres versos exaltam,
 »Que te paguem do talento
 »Os dois terços que te faltam.
 »Entanto, para mostrar-te
 »Que não fico mal contigo,
 »Quero esta noute que venhas

»Sem falta cear comigo.
»O convite lhe aceitou
De Apoio o filho sisudo,
Julgando que era melhor
Perder pouco do que tudo.
Parentes, muitos amigos
Dos que usam comer de mofa
A lauta mesa cercavam;
Tudo era festa e galhofa.
Saúdes a uns e a outros,
Saúdes ao novo atleta,
E só lá de quando em quando
Levava alguma o poeta.
Sentiu-se em tanta algazarra
Que muito à porta batiam,
Abrindo-a viram dois jovens,
Que ao vate falar queriam.
Ele, erguendo-se da mesa
Antes da ceia dar fim,
Viu à porta dois mancebos,
Que lhe disseram assim:
«Nós de Leda os filhos somos
»Astros no globo celeste,
»Que hoje agradecer-te vimos
»Os incensos que nos deste.
»Também salvar-te queremos
»Dum iminente perigo;
»Foge, que vai neste prédio
»Cair dos Céus o castigo.»
Saiu prontamente o sábio;
E a companhia indiscreta
Com saúdes aplaudia
Quando ao vate fez o atleta.
Eis de improviso estalando
As colunas do edifício,
Sofreram todos o estrago
Dum funesto precipício.
Ao fofa atleta uma trave
As pernas ambas partiu,
E a parasita assembleia
Igual desastre sentiu.
Então, conhecendo os povos
Pelo prodígio evidente,
Que era dos Céus protegido,
O sábio, tão altamente;
Com mil dádivas, e oferendas
Não somente lhe preencheram,
Quanto o atleta deu de menos,
Mas até rico o fizeram:
Porque se os numes castigaram

Quem zomba do seu poder,
Também premiar costumam
Quem lho sabe merecer.
Dos Céus, a poesia é prole;
Ela aos Céus tece o louvor;
Aquele que a menoscaba,
Ofende o seu criador.

O HOMEM ANCIÃO E AS SUAS PRETENDENTES DE DIVERSAS IDADES

Um homem de meia-idade,
Já de grisalho cabelo,
Tendo liberto o alvedrio,
Quis desposar-se e perdê-lo.
Era rico, esbelto e nobre,
Tinha garbo e discrição,
E havia mil aspirantes
À posse da sua mão.
Duas viúvas tiveram
De lhe agradecer a ventura,
Uma na flor dos seus anos,
Outra na idade madura.
Sempre com fúteis pretextos,
Quando com ele brincavam,
A um e um, elas ambas,
O cabelo lhe arrancavam.
Tirava-lhe a que era idosa
Dos inda escuros o resto;
A moça todos os brancos,
Buscando sempre um aresto.
Porque pretendiam ambas
Para a igualdade em amor,
Que ele tivesse o cabelo
Igual ao delas na cor.
De sorte que em breve tempo
Se viu o amante, coitado,
Por este capricho louco,
Inteiraente pelado.
No caso então reflectindo:
«Belas ninfas», exclamou,
«Por esta lição que tive
»Imensas graças vos dou.
»Se uma de vós desposasse,
»Sei que de viver eu tinha
»À vossa vontade sempre,
»E nunca à vontade minha.
»D 'ambas fujo, ambas detesto,
»Vossos génios conheci;
»Bem que sem pêlo ficasse,
»Ganhei mais do que perdi.»

OS MOSCARDOS E AS ABELHAS

No campo estando sem dono
Favos de mel excelente,
As abelhas os reclamam,
E os moscardos igualmente.
Depois de mil argumentos,
Que iam findando em pancada,
Perante o bispão vai ser
A lide sentenciada.
Nomeiam os litigantes
Letrado e procurador,
Dando-lhe os poderes todos
De alegar em seu favor.
Qualquer das partes contrárias
Três testemunhas produz,
Porém de quanto elas dizem
Nada, ou pouco, se deduz.
Fica o juiz indeciso,
Sem proferir a sentença;
Passam seis meses e a todos
Zanga tamanha detença.
Das abelhas o letrado,
Pessoa de sã consciência.
Disse: «O mel vai a perder-se,
»E é preciso providência.»
E posto que muitas vezes
Passasse por abelhudo,
Uma petição que arranja
Faz logo decidir tudo.
Para que uns e outros se ajuntem,
Requer que se notifiquem.
E do juiz na presença
Favos de mel se fabriquem.
Defere logo o juiz
Ao justo requerimento,
E são uns e outros citados
Para dar-lhe cumprimento.
Para embargos pedem vista
Os moscardos arengando;
O juiz lhes indefere
Seus maus intentos notando.
Que descobre no que alegam
Que têm do exame receio,
E fazer mel não sabendo,
Queriam furtar o alheio.
Portanto, a pró das abelhas
Sentença dá sem soçobro,
E são os réus condenados

A pagar custas em dobro.
Se a razão fizesse a lei,
A trapaça acabaria,
E ao capricho dos que julgam
Nunca a lei se torceria.

O GALO E A PÉROLA

Num monturo esgravatando,
Formoso galo aguerrido
Acha uma pérola fina,
Que havia um nobre perdido.
Por três vezes a escoucinha
Sem nela querer pegar,
À quarta, erguendo-a no bico,
Se põe a cacarejar.
Vêm logo algumas galinhas
Cuidando que era algum grão;
Mas vendo a pérola, tristes
Vão-se, deixando-a no chão.
Acaso passa um ourives,
E, apanhando-a, alegre diz:
«É uma pérola fina!
»Que belo achado que fiz!»
«Homem», lhe pergunta o galo,
«Tanto essa jóia merece?
»Pois eu por um grão de milho
»Te dera mil, se as tivesse.
»Pérola em poder de galo,
Que lhe não sabe o valor,
E como entre as mãos dum néscio
As obras de um sábio autor.

O SOBREIRO E A CANA

Um corpulento sobreiro,
 Que as nuvens a fronte alçava,
 Disse uma vez a uma cana
 Que defronte lhe ficava:
 «Quanto foi contigo escassa
 »A profusa natureza!
 »Oca te fez, fez-te esguia,
 »Negou-te graça e firmeza.
 »Dum lisonjeiro favónio
 »A bafagem mais pequena,
 »Na sesta, ou na madrugada,
 »Te abala e te desordena.
 «Eu firme zombo da fúria
 »Dos procelosos tufões;
 »O que para mim são auras,
 »São para ti Aquilões.
 »Quando o Noto sibilante
 »Faz ao mundo crua guerra,
 »Eu mal balanceio a coma,
 »Tu andas varrendo a terra.
 »Se perto de mim nascesses,
 »Tão infausta não serias,
 »Abrigo em meu tronco excelso
 »Contra as borrascas terias.
 »Quanto de ti me condo
 »Mal sabes, pequeno arbusto:
 »Logo que sinto algum vento,
 »Por teu respeito me assusto.»
 «Árvore excelsa», lhe torna
 A débil cana também,
 «É do teu bom natural
 »Que essa piedade provém.
 »Se branda por natureza
 »Não oponho ao vento força,
 »Cedo pronta, e não me ofende
 »Que me encurve ou que me torça.
 »Desprezada por humilde,
 »Não desafio a ambição
 »De me partirem, queimarem,
 »Reduzindo-me a carvão.
 »Porém, tu, árvore excelsa,
 »Destes males não te isentas;
 »Em carvão podem tornar-te,
 »Podes ceder às tormentas.
 »Palavras não eram ditas,
 Um pavoroso tufão,
 Com ímpeto desusado,

Prostra o sobreiro no chão.
Os ramos despedaçados,
Tendo as raízes à mostra,
Do soberbo indica a imagem
Quando o orgulho o Céu lhe prostra.
Domável, a humilde cana
Do estrago o horror não sentia;
Que se ia ao chão num momento,
No outro momento se erguia.
Assim, potente orgulhoso,
É muito mais arriscado
Nas políticas procelas
Do que o pobre desprezado.

O CONSELHO DOS RATOS

Havia um gato maltês,
Honra e flor dos outros gatos;
Rodilardo era o seu nome,
Sua alcunha Esgana-Ratos.
As ratazanas mais feras,
Apenas o percebiam,
Mesmo lá dentro das tocas
Com susto dele tremiam;
Que amortalhava nas unhas
Inda o rato mais machucho,
Tendo para o sepultar
Um cemitério de bucho.
Passava entre aqueles pobres,
De quem ia dando cabo,
Não por um gato maltês,
Sim por um vivo diabo.
Mas Janeiro ao nosso herói
Já dor de dentes causava,
E ele de telhas acima
O remédio lhe buscava.
Dona Gata Tartaruga,
De amor versada nas lides,
Era só por quem na roca
Fiava este novo Alcides,
Entanto, o dedo dos ratos,
Achando léu ajuntou
Num canto do estrago o resto,
E ansioso assim lhe falou:
»Enquanto o permite a noite,
»Cumpre, irmãos meus, que vejamos
»Se à nossa comum desgraça
»Algum remédio encontramos.
»Rodilardo é um verdugo
»Em urdir nossa desgraça,
»Se não se lhe obstar, veremos
»Finda em breve a nossa raça.
»Creio que evitar-se pode
»Este fatal prejuízo;
»Mas cumpre que do agressor
»Se prenda ao pescoço um guizo.
»Bem que ande com pés de lã,
»Quando o cascavel tenir,
»Lá onde quer que estivermos
»Teremos léu de fugir.
»Foi geralmente aprovado
Voto de tanta prudência;
Mas era a dúvida achar

Quem fizesse a diligência.
«Vamos saber qual de vós»,
Disse outra vez o dedo.
«Se atreve a dar ao proposto
»A devida execução.»
«Eu não vou lá», disse aquele;
«Menos eu», outro dizia;
«Nem que me cobrissem de ouro»,
Respondeu outro, «eu lá ia».
«Pois então quem há-de ser?»
Disse o severo dedo;
Mas todos à boca cheia
Disseram: «Eu não, eu não.
»Tornou-se em nada o congresso;
Que o aperto às vezes é tal,
Que o remédio que se encontra
Inda é pior do que o mal.
Assim mil coisas se assentam
Numa assembleia ou conselho;
Mas vê-se na execução,
Que tem dente de coelho.

O LOBO PLEITEANDO CONTRA O RAPOSO PERANTE O MACACO

Queixou-se uma vez um lobo
De que se via roubado,
E um mau vizinho raposo,
Foi deste roubo acusado.
Perante o mono foi logo
O réu pelo autor levado,
E ali se expôs a querela
Sem escrivão, nem letrado.
«À porta da minha furna»,
Dizia o lobo enraivado,
«Pegadas deste gatuno»
Tenha na terra observado».
Dizia o réu em defesa:
«Tu, que és ladrão refinado!
»O quê?, se vives de roubos,
»Podia eu ter-te furtado?»
«Furtaste»; «Mentes». «Não minto»,
Questões, gritos, muito enfado,
Já do severo juiz
Tinham a testa azoado.
Nunca Témis viu um pleito
Tão dúbio, tão intrincado!
Nem que pelos litigantes
Fosse tão bem manejado.
Mas da malícia dos dois
Instruído, o magistrado
Lhes disse: «Há tempo que estou
»De quem vós sois informado:
»Portanto, em custas em dobro
»Seja um e outro multado,
»E tanto o réu como o autor
»Por três anos degradado.
»Dando por paus e por pedras,
O mono tinha assentado
Que sempre acerta o juiz
Quando condena um malvado.

OS DOIS TOUROS E A RÃ

Brigavam dois grandes touros
 Duma formosa manada
 Sobre qual teria a posse
 Duma novilha estrelada.
 Uma rã, vendo o combate,
 Num tom lhes disse modesto:
 «Fidalgos, deixem questões,
 »Que um fim sempre tem funesto.
 »Não consideram, senhores,
 »Que o termo destas pendências
 »Vem sempre a ser o desterro
 »De um de Vossas Excelências?
 »Por que, conforme o costume,
 »O que vencido ficar
 »Estas campinas viçosas
 »Há-de por força deixar;
 »Que o vencedor logo o expulsa
 »Destes campos deleitosos,
 »E terá que ir pascer limos
 »Em terrenos pantanosos;
 »Ali fará que sejamos,
 »Quando com seus pés nos mate,
 »As vítimas inocentes
 »Deste indiscreto combate:
 »Porque nos paúis metido
 »Com suas feras patadas
 »Dos charcos no fundo, é óbvio,
 »Que fiquemos esmagadas.»
 Tudo quanto a rã predisse
 Se entrou a verificar;
 Fugiu do campo o vencido
 E foi paúis habitar.
 Ali o povo coaxante
 Negros desastres sofreu,
 Que esmagado a toda a hora
 A maior parte morreu!
 Assim nas mútuas desordens
 Dos grandes, dos potentados,
 Quase sempre os mais pequenos
 Vêm a ser os esmagados.

O MORCEGO E AS DUAS DONINHAS

Entrou, por tonto, um morcego
 Na toca de uma doninha,
 Que imensa aversão aos ratos
 Havia tempo que tinha.
 Saltou-lhe ela em cima logo,
 Dizendo: «Ó cão, morrerás,
 »Vens-me nas unhas cair
 »Sabendo o horror que me dás?
 »Rato acaso tu não és?
 »Diz, cara de fuinha.
 »É tão certo seres rato
 »Como é certo eu ser doninha.»
 «Perdoai», respondeu-lhe ele,
 «Só diz isso algum perverso;
 »Eu sou ave, não sou rato,
 »Graças ao pai do universo!
 »Vede nas asas, que tenho,
 »Das aves o distintivo,
 »Viva quem vive nos ares
 »Que eu também nos ares vivo.»
 Ela, crendo não ter ele
 Nem com ratos parentesco,
 Concedeu-lhe a liberdade,
 E o tratante pôs-se ao fresco.
 Entrou, passados três dias,
 Outra vez o tontarrão,
 Na toca de outra doninha,
 Que às aves tinha aversão.
 Ei-lo novamente em risco,
 Que a dona da casinhola,
 Crendo ser ave, intentou
 Dar-lhe no bucho gaiola.
 «Tu és ave», ela lhe disse:
 «E as aves fazem-me afronta.»
 «Senhora», lhe tornou ele,
 «Não me tenhais nessa conta.
 »Nas aves as penas são
 »Sua essência e seu ornato;
 »Eu tenho pêlo, e não penas,
 »Logo ave não sou, sou rato.
 »Vivam os ratos, e eu viva!»,
 Disse; e a doninha inesperta
 Deixou-o safar das unhas,
 Ficando de boca aberta.
 Assim salvou o tratante
 A vida por duas vezes;
 E assim também se tem salvo,

Por gírios, muitos fregueses.
Se este partido governa,
Fazem-se deste partido;
Se este decai, e vem outro,
O outro é logo preferido.
Ninguém confie em tal corja
Volúvel, traidora e fraca,
Que andando cos tempos, vira
A cada instante a casaca.

O LENHADOR

Um mísero lenhador,
Que oitenta invernos contava,
Cum feixe de lenha às costas
A passos lentos andava.
Pela idade enfraquecido,
Além do sustento escasso,
Tropeçou, caiu-lhe o feixe,
Fazendo um golpe num braço.
Depois, com pranto nos olhos,
Alguns alentos cobrou,
E, reflectindo com seus males,
Sentado, assim declamou:
«Mais do que eu sou infeliz
»Não há no globo um vivente,
»Trabalho mais do que posso
»E vivo assaz indigente;
»Pouco pão, nenhum descanso,
»Uma existência oprimida,
»Ah!, que não vejo quem tenha
»Tão dura e penosa vida!
»Filhos maus, mulher teimosa,
»Más pagas, duro credor,
»Renda de casa, impostos,
»Não há desgraça maior!
»Vem, ó morte, ó morte amável!
»Socorre a quem te apetece!»
Eis o esqueleto da morte
De repente lhe aparece;
E diz: «Mortal, que me queres?»,
Torna-lhe ele de mãos postas:
«Quero, amiga, que me ajudes
»A pôr este feixe às costas.
»Na dor deseja-se a morte;
Mas quando vem faz tremer;
Que é dos viventes o instinto
Antes penar que morrer.

A AVE FERIDA DE UMA FLECHA

Foi de uma flecha emplumada
Uma das aves ferida,
E assim ao seu matador
Falou no extremo da vida:
«Contribuir deveremos
»Para a nossa ímpia desgraça
»Dando penas, que aligeirem
»A seta que nos traspassa?
»Das nossas asas as plumas
»Arrancais, progénie atroz,
»Que depois presas em ferros
»Voar fazeis contra nós.
»Mas, ó prole de Jafet,
»Da nossa cruel desgraça
»Não zombeis, não façais mofa,
»Que o mesmo entre vós se passa.
»Mil vezes vos acontece
»A mesma infelicidade,
»Metade da gente as armas
»Dá contra a outra metade.»

A PODENGA E A COMPANHEIRA

Uma podenga pejada,
Que há tempo andava fugida,
Pedi emprestado o a/vergue
Doutra sua conhecida.
Ela por bom coração
A morada lhe cedeu,
Chegando a ficar na rua
Com muito incómodo seu.
Deu à luz quatro cachorros,
Com bom sucesso, a hospedada,
E foi logo no outro dia
Pela amiga visitada.
À mostra os nenés vieram,
Do bom parto a mãe falou,
E coisa alguma a respeito
Da salda se tratou.
Passado algum tempo, veio
Da casa a dona outra vez,
E expôs-lhe o seu desarranjo
Com a maior polidez.
A intrusa lhe diz: «Senhora,
»Como hei-de a casa deixar,
»Se estes pobres inocentes
»Inda não podem andar!
»Perdoe-me, tenha paciência,
»Dê-me algum tempo de espera.»
«Pois sim, não se aflija», a outra
Lhe tornou muito sincera.
Despediu-se, foi-se embora,
Voltando passado um mês;
E que lhe cedesse a casa
Lhe pediu segunda vez.
A intrusa os dentes mostrando,
E a matilha prole sua,
Chegando à porta lhe disse
»Se podes, põe-nos na rua.»
Da casa a dona ficando
Do que escutava aturdida,
Pôs-se ao fresco antes que fosse
Além de expulsa, mordida.
Abusa sempre o perverso
Do nosso bom coração,
Não larga o que lhe emprestamos
Sem uma horrível questão.
O bem que se faz aos maus
Quase sempre se deplora,
Mete a gente em casa às vezes

Quem a expulsa dela fora.

A ÁGUIA E O ESCARAVELHO

De veloz águia fugindo
 Novo pequeno coelho,
 Encontra na fuga a toca
 Dum graúdo escaravelho ¹⁷.
 Posto que ténue este abrigo
 Buscando salvar a pele,
 Julgar-se pode se o triste
 Faria por entrar nele
 Comovido o escaravelho
 Do mal daquele infeliz,
 À feroz águia intercede,
 E cortesmente lhe diz:
 «Ave real, neste pobre
 »Meu compadre e meu vizinho
 »Tuas garras não empregues,
 »Tem dó dele, coitadinho!
 »Sei que para ti não obsta
 »O asilo da minha casa.»
 Ela nisto um safanão
 Lhe dá com o coto de asa.
 A vítima infausta empolga
 Do abrigo tendo zombado,
 Deixando o bom protector
 De frio susto embaçado;
 No qual esta horrível cena
 Faz tão rápida mudança,
 Que toda a sua piedade
 Se torna logo em vingança.
 Vai ao tronco onde o seu ninho
 Tinha a cruel águia feito,
 Quebra-lhe os ovos e vem
 Inda pouco satisfeito.
 Ela vendo o fero estrago
 Da sua prole querida,
 Com gritos atoa os ares,
 Tenta contra a própria vida.
 Tomar severa vingança
 Em vão do insulto pretende,
 Que a pequenez do agressor
 Da sua raiva o defende.
 No ano seguinte mais alto
 Vem seu ninho edificar,
 Mas lá mesmo o vingativo

¹⁷ Pouco verosímil é que um coelho possa entrar na toca de um escaravelho; é por isso que eu figurei o coelho pequeno e o escaravelho graúdo, que podia ser daqueles a quem os naturalistas chamam *Escarabeus elephas*, que têm duas polegadas e meia de grossura e três de comprimento e se encontram em Moca, no Suriname e na Guiana, na América Meridional.

Lhe vai os ovos quebrar.
Assim do coelho a morte
Segunda vez é vingada,
E a sua atroz matadora
Sente aflição duplicada.
Seis meses em vãos grasnidos
A troa montes e vales:
Faz este enojo segundo,
Que se exacerbem seus males;
Protecção pedindo a Jove
Seu templo excelso procura,
E do númen no regaço
Guarda a terceira postura.
Naquele asilo sagrado
Põe toda a sua esperança,
Que tem no abrigo do nume
Do seu ninho a segurança.
Mas de tom muda o contrário,
Que os passos todos lhe espreita,
Põe-se de alto, e imunda escória
Sobre o manto ao númen deita;
O sacerdote do templo
Indo-lhe logo limpar,
Os ovos do oculto ninho
Deixa cair e quebrar.
Quando a feroz águia observa
Aquela nova desgraça,
Faz desatinos de louca,
E ao mesmo Jove ameaça.
Que há-de abandonar-lhe a corte
E ir viver para os desertos,
Diz ao monarca dos numes
Com outros mil desacertos.
Jove em honra à sua estátua
Manda, por ordem real,
Comparecer o agressor
Perante o seu tribunal.
Ele vem, expõe-lhe o facto,
Conta a sorte do coelho,
De águia o Deus repreende a insânia
E a teima do escaravelho.
E fazendo esforços vãos,
Sem que os possa acordes ver,
Assim decreta, do fado
Tendo ouvido o parecer:
«De amor, ó águia, somente
»Sentirás o impulso terno
»Quando o escaravelho obtuso
»Esteja em quartéis de Inverno.»
Assim foi, e assim se cumpre,

Deixando ver ao mortal
Que ás vezes do mais pequeno
Pode vir o maior mal.

O LEÃO E O MOSQUITO

Disse um leão por desprezo
 A certo mosquito ardente:
 «Vai-te, escória vil da Terra,
 »Vai-te, nonada vivente.»
 Jura-lhe guerra o mosquito,
 Do que ouvira um tanto azedo,
 E diz-lhe: «Acaso tu pensas,
 »Que eu de leões tenho medo?!
 »Porque és das feras monarca
 »Nada me dás que temer,
 »Maior do que és é um touro,
 »E eu faço-o terra comer.»
 Disse o trombeteiro herói;
 E, tomando um ar agreste,
 A trombeta horrenda toca
 E ao fero inimigo investe;
 Entre as jubas no pescoço
 Lhe ferra o duro ferrão;
 Como louca salta, e espuma,
 Ruge e morde-se o leão.
 Amedronta as outras feras
 O seu furor inaudito,
 A troa os céus, sendo tudo
 Obra de um ténue mosquito.
 O aborto de uma vil mosca
 Por mil partes o molesta,
 Punge-lhe o peito, o focinho,
 Os olhos, o lombo, a testa;
 Este invisível contrário
 Triunfa do seu furor,
 Garras, dentes, raiva, tudo
 Lhe inutiliza o traidor;
 Com a cauda açoita as ancas,
 Sacode a increspada juba,
 Até que a extrema fadiga
 Vencido em terra o derruba.
 Do combate se retira
 O insecto cheio de glória,
 E é a trombeta do ataque
 A que apregoa a vitória.
 Porém, quando mais vaidoso
 Seu valor e esforço gaba,
 Topa uma teia de aranha,
 Que a vida e glória lhe acaba.
 Não desprezes por pequeno
 O teu contrário também;
 Porque dele as mais das vezes

O maior mal te provém.
Nem tão-pouco em bens confies
Desta vida transitória;
Que uma só teia de aranha
Murchar pode a tua glória.

OS DOIS BURROS CARREGADOS

Qual romano imperador,
Um pau por ceptro levava,
E a dois frisões orelhudos
Um burriqueiro guiava;
Um deles trazia esponjas,
E qual postilhão corria;
O outro de sal carregado
Os pés apenas mexia;
Um sem custo, outro com ele,
Montes e vales andaram,
Até que ao vau de um ribeiro
Ultimamente chegaram.
No que levava as esponjas
O burriqueiro montou,
E fez ir para diante
O que de sal carregou.
Ele o vau desconhecendo
Pregou consigo no pego,
Nadou, veio acima, e viu
Aliviado o carrego:
Porque o sal, de que era a carga,
Derreteu-se na água entrando,
E o seu condutor já leve
Pôs-se em terra, e foi trotando.
O camarada esponjeiro,
Que o viu tão leve sair,
Quis à sua imitação
Também no pego cair.
Ei-lo nas águas submerso,
Esponjas e burriqueiro,
Todos três bebendo à larga
Querendo secar o ribeiro.
Tão pesados se fizeram,
Por beberem sem cessar,
Que, sucumbindo o jumento,
Não pôde as margens ganhar.
O homem lutava coa morte,
Té que um pastor lhe acudiu,
Mas o burro das esponjas
Foi ao fundo e não surdiu.
Guiar por cabeças más
Não é um bom portamento;
Às vezes a dita de um
Faz a desgraça de um cento.

O LEÃO E O RATO

Saiu da toca aturdido
Daninho pequeno rato,
E foi cair insensato,
Entre as garras dum leão.
Eis o monarca das feras
Lhe concedeu liberdade,
Ou por ter dele piedade,
Ou por não ter fome então.
Mas esta beneficência
Foi bem paga, e quem diria
Que o rei das feras teria
Dum vil rato precisão!
Pois que uma vez, indo entrando
Por uma selva frondosa,
Caiu em rede enganosa,
Sem conhecer a traição.
Rugidos, esforços, tudo
Balda, sem poder fugir-lhe;
Mas vem o rato acudir-lhe
E entra a roer-lhe a prisão.
Rompe com seus finos dentes
Primeira e segunda malha;
E tanto depois trabalha,
Que as mais também rotas são.
O seu benfeitor liberta,
Numa dívida pagando,
E assim a gente ensinando
De ser grato a obrigação.
Também mostra aos insofridos,
Que o trabalho com paciência
Faz mais que a força, a imprudência
Dos que em fúria sempre estão.

A POMBA E A FORMIGA

Enquanto a sede uma pomba
Em clara fonte mitiga,
Vê por um triste desastre
Cair na água uma formiga.
Naquele vasto oceano
A pobre luta, e braceja,
E vir à margem da fonte
Inutilmente deseja.
A pomba, por ter dó dela,
Na água uma ervinha lhe lança;
Neste vasto promontório
A triste salvar-se alcança.
Na terra a põe uma aragem;
E livre do precipício,
Acha logo ocasião
De pagar o benefício.
Que vê atrás de um valado,
Já fazendo à pomba festa
Um descalço caçador,
Que dura farpa lhe assesta.
Supondo-a já na panela
Diz: «Hei-de-te hoje ceiar»;
Mas nisto a formiga astuta
Lhe morde num calcanhar.
Sucumbe à dor, torce o corpo,
Erra o tiro, a pomba foge;
Diz-lhe a formiga: «Coitado!
»Foi-se embora a ceia de hoje.»
De boca aberta ficando,
Conhece o pobre glutão
Que só devemos contar
Com o que temos na mão.
E posto enfim que haja ingratos,
Notar devemos também
Que as mais das vezes no mundo
Não se perde o fazer bem.

O ASTRÓLOGO

Um astrólogo, que atento
No aspecto dos astros lia,
Que no porvir bens e males
Adivinhar pretendia,
Indo com os olhos no céu,
Dentro dum poço caiu,
E vendo males ao longe,
O mal próximo não viu.
Dos homens a fatuidade
Os faz cair na loucura
De escutar nos céus arcanos,
De ler na idade futura.
Este acaso, ou providência,
Que no globo nos dirige,
Antes que as coisas sucedam
Não se prevê, nem colige.
Não coube ao frágil vivente
Rasgar do futuro o véu,
Nem perscrutar, ou saber
Sábios arcanos do céu.
Que dos orbes o Architecto
Nos astros posto não tem,
Para que o leão no mundo,
Dos mortais o mal e o bem.

A LEBRE E AS RÃS

Uma lebre em sua toca
 Suponha-se o que faria,
 Temerosa, estava alerta
 A ver se passos sentia.
 Melancólica por génio.
 Ralava-se de temor,
 E sentia um sobressalto
 Ao mais pequeno rumor.
 «Quanto infausta sou», dizia,
 «No centro destes desertos,
 »Onde o susto me constrange
 »A dormir de olhos abertos!
 »Talvez que muitos me digam:
 »'De alma esse medo sacode';
 »Mas se ele é de natureza,
 »Quem é que mudá-la pode?
 »Talvez também os mais passem
 »Em sustos os dias seus:
 »Porém os males dos outros
 »Não remedeiam os meus.
 »Sempre inquieta e duvidosa,
 Assim razoava a lebre,
 Um vento, uma sombra, um nada,
 Lhe dava um susto, uma febre.
 Era tempo de ir ao pasto
 E de largar o seu ninho,
 Que é ditado: frio e fome
 Metem a lebre a caminho.
 Sai; porém, logo escutando
 Um tiro, que ao longe soa,
 Mete pernas a esconder-se
 Nos juncos duma lagoa.
 Ao vê-la as rãs de improviso
 Saltam na água temerosas,
 E vão no fundo esconder-se
 Das suas lapas limosas.
 «Que vejo? Ó Céus!», clama a lebre,
 «Medo estas rãs de mim têm!
 »O mesmo que os mais me fazem
 »A elas faço eu também!
 »Ponho em susto um povo inteiro,
 »E sou qual raio da guerra!
 »Quem me faz tão forte, quando
 »Tudo me assusta e me aterra?»
 Inda o que for mais medroso
 Há-de outro medroso ver,
 A quem uma voz ao menos

De susto faça tremer;
Igualmente o desditoso
Não deve desesperar,
Que outro mais infeliz que ele
Pode no mundo encontrar.

O RAPOSO E O GALO

Sobre um tronco estando alerta
 Velho galo astucioso:
 «Irmão», com voz de falsete
 Lhe diz um destro raposo,
 «Venho alvissaras pedir-te
 »E mil parabéns te dou,
 »Nossas guerras se acabaram,
 »Porquanto a paz se assinou.
 »Já todos somos amigos:
 »E quais irmãos viveremos;
 »Desce, que abraçar-te quero
 »Em prova da paz que temos.
 »Fui hoje eu mesmo incumbido
 »Desta dita anunciar,
 »Desce, vem, não te demores,
 »Que tenho muito que andar;
 »Tu e os teus podem sem susto
 »Por toda a parte correr,
 »Desce, e o beijo fraternal
 »Vem como irmão receber.»
 «Amigo», lhe torna o galo,
 Conhecendo-lhe a malícia,
 «Tu não me podias dar
 »Mais agradável notícia.
 »Paz entre as feras e as aves!
 »Ah!, que morro de prazer!
 »Mas espera, que lá vejo
 »Vir dois galgos a correr!
 »São postilhões, certamente,
 »Que esta paz vêm publicar,
 »Eu já desço, e todos quatro
 »Nos podemos abraçar.»
 «Adeus», lhe torna o raposo,
 «Não posso deter-me agora
 »Outra vez nos juntaremos,
 »É já tarde, vou-me embora.
 »Mais ligeiro do que um gamo
 Se pôs ao fresco o manhoso,
 De não pegarem as bichas
 Nimiamente desgostoso.
 E o nosso galo matreiro
 Consigo se pôs a rir,
 Vendo o tratante com medo
 De orelha baixa fugir.
 Que é um prazer quando vemos
 O enganador enganado,
 Qual o que vai buscar lá

E vem por fim tosquiado.

A ÁGUIA E O CORVO

A veloz águia de Jove
Empolgou nédio carneiro,
E foi de perto observada
Por ímpio corvo agoureiro;
Que bem que menor em forças
Não era menos glutão,
E empolgar logo outra rês
Quis à sua imitação;
Voava em torno das reses,
Indo-se-lhe os olhos nelas,
E apenas uma escolhia
Julgava as outras mais belas.
Marcou enfim entre todas
A que melhor parecia,
Era um carneiro que aos nubes
Para holocausto servia.
Os olhos nele cevando
Disse: «Ó rês das mais formosas!
»Bem haja quem te criou!
»Bem haja a relva que tosas!
»De pasto me servirás.»
Eis, erguendo um novo adejo,
Cai sobre o animal balante,
Que pesava mais que um queijo¹⁸.
Na espessa lã ferra as unhas,
Quer voar, mas cede ao peso;
E entre os velos impessados
De mais a mais fica preso.
O pastor vem, ri da cena.
E prendendo-o por um pé
Leva-o aos filhos, que logo
Lhe dão tratos de polé.
Deve sondar suas forças
Quem entra em qualquer empresa;
Que nem tudo é para todos
Na ordem da natureza.

¹⁸ Alusão à fábula do corvo que furtou o queijo.

O PAVÃO QUEIXANDO-SE A JUNO

A Juno o pavão se queixa,
 Dizendo: «Ó Deus celeste,
 »Com razão de ti murmuro
 »Pela má voz que me deste.
 »Sou ave tua, e, se quero
 »Entoar os teus louvores,
 »Estrujo os campos em torno
 »Com meus guinchos troadores;
 »O rouxinol tão mesquinho
 »Deleita, se a voz levanta,
 »É honra da Primavera,
 »De ouvi-lo o mundo se encanta!»
 Irada lhe torna Juno:
 »Cala-te, néscio invejoso,
 »Porque desejas as vozes
 »Do rouxinol sonoro?
 »De ricas pedras ornada
 »Não parece a cauda tua?
 »O listão do Íris brilhante
 »Em teu colo não flutua?
 »Ave nenhuma passeia,
 «Que tanto pareça bem,
 »Em si ninguém reunir pode
 »Quantos dotes os mais têm.
 »Repartiu seus dons com todos
 »A profícua natureza,
 »Às águias coragem deu,
 »Deu aos falcões ligeireza;
 »Por presságio o corvo grasna,
 »O mocho nas mortes pia,
 »A gralha males futuros
 »Com seu clamor pressagia.
 »Do que são se aprazem todos;
 »E se torno a ouvir queixar-te,
 »Dar-te-ei voz de Filomela,
 »Mas hei-de as plumas tirar-te.»
 Não quis o invejoso a troca;
 Que é nosso instinto invejarmos
 Sempre o que os outros possuem,
 Sem o que é nosso largarmos.

O HOMEM E A GATA

Um homem tinha uma gata
Por quem morria de amor,
Beleza lhe achava, encantos,
E um não-sei-quê sedutor.
Inda mais louco que os loucos,
Por ela extremos fazia,
Até julgava que «amor»
Quando miava dizia;
Com pranto, rogos, prestígios,
Pôde obter da sorte dura
Que lha mudasse em mulher;
Que tanto pode a loucura!
Foi dela a sua metade,
Dando-lhe de esposo a mão;
Nenhuma bela ao seu noivo
Prendeu tanto o coração.
Ele fazia-lhe afagos,
Ela amoroso carinho;
Mas turbava este prazer
Qualquer ligeiro ratinho:
Porque de noite na cama
Apenas algum sentia,
Madama saltando à casa,
Para apanhá-lo corria.
Rato a vir, noivo em cuidados,
Olho à mira, ouvido alerta;
O marido sem sossego
Estava de boca aberta!
Da tranquila posse oriundo,
já o frouxo dissabor
Lhe trocava em triste enojo
A chama antiga de amor.
Enfados, costas viradas,
Tromba, e mesmo cachação,
Da esposa nunca mudava
A natural propensão.
Precauções nada faziam;
Que inda mesmo estando presa,
Saltava em sentindo ratos,
Tanto pode a natureza!
Corrigir ninguém consegue
Mulher que por génio é má;
Que somente a cova tira
Propensões que o berço dá.
O apetite e novidade
São véus que cobrem defeitos,
Que avultam depois, e enfadam

Quando estamos satisfeitos.

O BURRO E O LEÃO CAÇADOR

Meteu-se em cabeça um dia,
Um dia de madrugada,
Ao tirano rei das feras,
Ir fazer uma caçada.
Ora a caça do leão
Não é quaisquer bagatelas,
Sim nédios corços, bons gamos,
Javalis, gordas vitelas;
Depois de pensar na empresa,
Chama o burro, e lhe destina
Que lhe há-de servir na caça
De cometa ou de buzina.
Cobre-o de verde ramagem,
E depois vai-se esconder,
Tendo-lhe dito primeiro
O que devia fazer;
Eis dos zurros a procela
Soa, qual trovão troador!
O descostume de ouvi-los
As feras enche de horror;
Errantes, espavoridas,
Dos covis profundos saem,
Mas nas garras do leão
Incautas aos centos caem;
Depois de finda a caçada,
Muito ufano o burro diz.
«Então, senhor, não fui causa
»D 'aquisição tão feliz?»
«Sim», lhe respondeu o leão,
«Tens grandemente zurrado,
»Se quem és não conhecesse,
»Ter-me-ia eu mesmo aterrado!»
O burro foi-se raivoso
Daquele mau galardão;
Mas quem pode sem desprezo
Ver um asno fanfarrão?
Faz-se proveitoso o inútil
Pela indústria do entendido,
E até dos zurros de um asno
Se tira às vezes partido.

A RAPOSA E A CEGONHA

Quis a raposa matreira,
 Que excede a todas na ronha,
 Lá por piques doutro tempo,
 Pregar um ópio à cegonha.
 Topando-a, lhe diz: «Comadre,
 »Tenho amanhã belas migas,
 »E eu nada como com gosto
 »Sem convidar as amigas;
 »De lá ir jantar comigo
 »Quero que tenha a bondade;
 »Vá em jejum, porque pode
 »Tirar-lhe o almoço a vontade.
 »Agradeceu a cegonha
 Uma oferenda tão singela,
 E contava que teria
 Uma grande fartadela.
 Ao sítio aprazado foi,
 Era meio-dia em ponto,
 E com efeito a raposa
 Já tinha o banquete pronto.
 Espalhadas num lajedo,
 Pôs as migas do jantar,
 E à cegonha diz: «Comadre,
 »Aqui as tenho a esfriar;
 »Creio que estão muito boas
 »— *Sans façon* — vamos a elas.
 »Eis logo chupa metade
 Nas primeiras lambedelas;
 No longo bico a cegonha
 Nada podia apanhar,
 E a raposa em ar de mofa
 Mamou inteiro o jantar.
 Ficando morta de fome,
 Não disse nada a cegonha;
 Mas logo jurou vingar-se
 Daquela pouca-vergonha.
 E afectando ser-lhe grata,
 Disse: «Comadre, eu a instigo
 »A dar-me o gosto amanhã
 »De ir também jantar comigo.
 »A raposa iam bisqueira
 Na cegonha se fiou,
 E ao convite, às horas dadas,
 No outro dia não faltou.
 Uma botija com papas
 Pronta a cegonha lhe tinha;
 E diz-lhe: «Sem cerimónia,

»A elas, comadre minha.
»Já pelo estreito gargalo,
Comendo, o bico metia,
E a esperta só lambiscava
O que à cegonha caía.
Ela, depois de estar farta,
Lhe disse: «Prezada amiga,
»Dêmos mil graças ao Céu
»Por nos encher a barriga.»
A raposa, conhecendo
A vingança da cegonha,
Safou-se de orelha baixa,
Com mais fome que vergonha.
Enganadores nocivos,
Aprendeí esta lição:
Tramas com tramas se pagam,
Que é pena de Talião.
Se quase sempre os que iludem
Sem que os iludam não passam,
Nunca ninguém faça aos outros
O que não quer que lhe façam.

O VELHO, O RAPAZ E O BURRO

O Mundo ralha de tudo,
Tenha ou não tenha razão,
Quero contar uma história
Em prova desta asserção.
Partia um velho campónio
Do seu monte ao povoado,
Levava um neto que tinha
No seu burrinho montado:
Encontra uns homens que dizem:
«Olha aquela que tal é!
»Montado o rapaz, que é forte,
»E o velho trôpego a pé.»
«Tapemos a boca ao mundo»,
O velho disse: «Rapaz,
»Desce do burro, que eu monto,
»E vem caminhando atrás.»
Monta-se, mas dizer ouve:
«Que patetice tão rata!
»O tamanhão de burrinho,
o pobre pequeno à pata.»
«Eu me apeio», diz prudente
O velho de boa-fé,
«Vá o burro sem carrego,
»E vamos ambos a pé.
»Apeiam-se, e outros lhe dizem:
«Toleirões, calcando lama!
»De que lhes serve o burrinho?
»Dormem com ele na cama?»
«Rapaz», diz o bom do velho,
«Se de irmos a pé murmuram,
»Ambos no burro montemos,
»A ver se inda nos censuram.»
Montam, mas ouvem de um lado:
«Apeiem-se, almas de breu,
»Querem matar o burrinho?
»Aposto que não é seu.»
«Vamos ao chão», diz o velho,
«Já não sei. que ei-de fazer!
»O mundo está de tal sorte,
»Que se não pode entender.
mau se monto no burro,
»Se o rapaz monta, mau é,
»Se ambos montamos, é mau,
»E é mau se vamos a pé:
»De tudo me têm ralhado,
»Agora que mais me resta?
»Peguemos no burro às costas,

»Façamos inda mais esta.
»Pegam no burro; o bom velho
Pelas mãos o ergue do chão,
Pega-lhe o rapaz nas pernas,
E assim caminhando vão.
«Olhem dois loucos varridos!»,
Ouvem com grande sussurro,
«Fazendo mundo às avessas,
»Tornados burros do burro!»
O velho então pára e exclama:
«Do que observo me confundo!
»Por mais que a gente se mate
»Nunca tapa a boca ao mundo.
»Rapaz, vamos como dantes,
»Sirvam-nos estas lições;
»É mais que tolo quem dá
»Ao mundo satisfações.»

AS RÃS PEDINDO UM REI

Cansadas já do seu frouxo
 Democrático governo,
 As rãs, com preces, um rei
 Pediram a Jove eterno.
 Um rei pacífico e dócil
 Manda Ámon ¹⁹ dos Céus cair;
 Mas do baque o estrondo logo
 As faz de susto fugir.
 Longo tempo não ousaram
 Ver do monarca o semblante,
 Julgando umas que era de ouro,
 Outras um fero gigante;
 Mas o rei era um cavaco,
 Cujá grave sob'rania
 Encheu de susto a primeira
 Que de o ver teve a ousadia.
 Aproximou-se tremendo
 Ao vulto do seminume,
 Outra a seguiu, depois outra;
 E assim as mais em cardume.
 Este povo com seu rei
 Fez-se tão familiar,
 Que até chegava por fim
 Em cima dele a saltar.
 O pacífico senhor
 Firme tudo suportava;
 Mas seu povo descontente
 Assim de Ámon se queixava;
 «Quando tal rei nos mandaste
 »Estavas dormindo, ó Jove,
 »Dá-nos um rei forte, esperto,
 »Não um pau, que se não move.
 »Júpiter um grou lhes envia,
 Que as mata e come aos cardumes.
 Eis as rãs logo a queixar-se,
 E eis lhes torna o pai dos numes:
 «Descontentes vos queixáveis
 »Do governo que vos dei,
 »Pedistes que um rei vos desse,
 »E eu logo vos pus um rei.
 »O ser pacífico, e bom,
 »Foi de o insultardes motivo,
 »Volúveis pedistes-me outro
 »Mais esperto, mais activo.
 »Dei-vos agora o que tendes
 »Forte, inquieto e punidor

¹⁹ Ámon é Júpiter, que se adorava na forma de um carneiro.

»Deveis sofrê-lo, que pode
»Vir outro muito pior.
»Naquele estado em que estamos
Contentes nunca vivemos,
E acontece as mais das vezes
Lamentarmos se o perdemos.

A ÁGUIA, A PORCA E A GATA

Veloz águia num sobreiro
 Tenros filhos aninhava;
 E em baixo no chão também
 Uma porca os seus criava.
 Em meio de ambas no tronco,
 Onde funda toca havia,
 Com seus filhos igualmente
 Esperta gata vivia.
 Gozavam as três famílias
 Ali da união mais grata:
 Mas turbou esta harmonia
 Com mexericos a gata.
 Onde a águia ²⁰ vivia entrou,
 Dizendo: «Senhora minha,
 »Venho contar-lhe a insolência
 »Da porca nossa vizinha.
 »Junto ao pé deste sobreiro
 »De dia e noite a foçar,
 »Vai-lhe roendo as raízes
 »Até por terra o lançar;
 »Então nossos tenros filhos,
 »E nós mesmas, sem piedade,
 »Diz que seremos objecto
 »Da sua voracidade.
 »Vós estais melhor do que eu,
 »Que em vendo o tronco abalar,
 »Podeis nas garras, voando,
 »Os vossos filhos salvar.
 »Mas eu, triste... Ah!, desgraçada!»
 Nisto, com mil caramunhas,
 Despediu-se e foi descendo
 Segurando-se nas unhas
 Entra no covil da porca
 E diz-lhe em voz de mansinha:
 «Mal sabe, amiga, o que vai
 »Com esta nossa vizinha!
 »Mas antes que eu diga tudo,
 »Jure guardar-me segredo,
 »Que eu daquela atraçoada»
 Vivo tremendo com medo!
 »Diz que em vendo que você
 »A tratar da vida sai,
 »Logo dentro do covil
 »A matar-lhe os filhos vai.»
 Quando a porca tal ouviu,
 Ficou pior do que as fúrias,

²⁰ A águia, enquanto cria os seus filhos, não devora os animais que vivem pouco distantes do seu ninho.

E contra a inocência de águia
Vociferou mil injúrias.
Tendo entre as duas famílias
A gata o horror semeado,
Sobe, mete-se na toca,
Esperando o resultado.
A veloz águia os filhinhos
Cobre, e jura não deixá-los,
Para que tombando o tronco
Possa do insulto salvá-los;
Bem que estalasse de fome
Por temor nunca sala;
E no seu covil fechada
A porca o mesmo fazia.
Sendo o estearmos a vida
Sempre o primeiro dever,
Deixaram-se ambas de fome
Com seus filhinhos morrer;
Teve a gata com seus filhos
Uma grande fartadela,
Até que um lobo chegando
Jantar fez deles e dela.
De insanos mexeriqueiros
Quem tem casa tenha medo;
Que as desgraças das famílias
Vêm a fazer tarde ou cedo.
Com pés de lã se introduzem,
Trazem, levam, contam, mentem;
E os que às intrigas dão peso,
No fim de tudo é que o sentem.

O BÊBADO E A MULHER

Não se corrigem defeitos
 Por vício ou costume antigo;
 Conto um caso para exemplo,
 Que eu provo sempre o que digo.
 Um certo ermitão de Baco,
 Ou esponja das tabernas,
 Saúde e bolsa estragava
 Em bebedeiras eternas.
 Uma vez que o roxo sumo
 O tinha posto de borco,
 E que d mulher o divisa
 A dormir bem como um porco;
 Por ver se o terror o emenda,
 Antes que ao vício sucumba,
 Vestelhe triste mortalha,
 E dentro o põe duma tumba.
 Ele, passado algum tempo,
 Apenas coze a fornada,
 Acorda, abre os olhos e ergue
 Em torno a vista espantada!
 Vê tochas, essa, caixão,
 Triste espelho de morte!
 Clama: «Que mágoa!, ficou
 »Viúva a minha consorte!»
 Ela, que estava escondida,
 Mascarada em Fúria sai,
 E assim, nos bicos dos pés,
 Chegando-se à tumba vai.
 Traz nas mãos uma caldeira
 Com pez e betume ardendo,
 Que o fumo espesso que exala,
 Faz o sítio mais horrendo.
 O pobre, que já se julga
 No Inferno estar verdadeiro!,
 Brada: «Que digas quem és,
 »Ó fantasma, eu te requeiro.»
 «Sou do Inferno a despenseira»,
 Diz ela em tom esquisito,
 «Que aos bêbados cá primeiro
 »Na tumba negra visito.
 »Trago-lhes nesta caldeira
 »O que eles hão-de comer.
 »Pergunta-lhe ele: «Ó amiga,
 »E não trazes de beber?»
 Os vícios que se inveteram
 São males que não têm cura;
 Levam consigo os humanos

Às trevas da sepultura.

O LOBO E A CEGONHA

Dando coas mãos no focinho
Tossia um lobo engasgado,
Porque dentro das goelas
Tinha um osso atravessado.
Eis que viu uma cegonha,
E por gestos, por acções,
Que lhe acudisse rogou
Em tão grandes aflições.
A mezinheira piedosa,
Logo estendendo o pescoço,
Lhe tirou dos gorgomilos
Coa maior destreza o osso.
Acabada a operação,
Pedi-lhe a paga a cegonha;
Mas o ingrato respondeu-lhe
Com esta pouca-vergonha:
«Basta-te a glória de teres
»Hoje a cabeça metida
»Dentro da boca de um lobo
»E inda gozares de vida;
»Devia ser outra a paga;
»Mas vai-te daqui, ó louca,
»E livra-te de me entrares
»Outra vez dentro da boca.
»Somente dos beneficios
Que aos maléficos prestamos
O triste arrependimento
É o fruto que tiramos.

O LEÃO E A PINTURA

Estava ao público exposta
Uma excelente pintura,
Onde um homem lacerava
Um leão de atroz figura.
Do homem celebrava o povo
Esforço e destreza tanta;
Mas, passando um leão, disse:
«Muito a raridade encanta!
»Se os leões fossem pintores,
»Quadros houvera a milhões,
»Que homens às dúzias mostrassem
»Lacerados por leões.
»Raras vezes do inimigo
Se pinta um caso a favor;
E ao contrário se exagera
O que é em nosso louvor.

A MULHER TEIMOSA AFOGADA

Um homem que era casado
 Com mulher néscia, e teimosa,
 Que tinha um génio danado,
 Foi um dia
 Fazer certa romaria
 Distante do povoado.
 Eis que um rio caudaloso
 No fim da estrada encontraram,
 Que passar era forçoso.
 O marido
 Sonda o vau e, prevenido,
 Teme entrar no pego undoso.
 A mulher, teimosa e má,
 Lhe diz: «Entra n 'água, ó fona,
 »Que perigo nenhum há.»
 «Há perigo»,
 Torna-lhe ele. «E não prossigo.»
 E ela diz: «Pois eu vou lá.»
 Nisto mete-se imprudente
 À levada impetuosa
 Feita pela grossa enchente.
 Então cai,
 E indo ao fundo aos urros vai
 Envolvida na corrente.
 Aterrado, o pobre esposo,
 Vendo aquela atroz desgraça,
 Inda quer salvá-la ansioso;
 Que a lastima,
 E vai pelo rio acima
 Procurando-a cuidadoso.
 Os que viram abismá-la,
 Vendo-o ir contra a corrente,
 Dizem: «Valha-te uma bala,
 »Ó borracho,
 »Se foi pelo rio abaixo
 »Lá em cima é que hás-de achá-la?»
 Torna-lhe ele: «Este dragão
 »Sempre com todos viveu
 »Em fera contradição,
 »E por má
 »Juro que subindo irá
 »Se as águas descendo estão.
 »Às avessas da outra gente
 »Andou toda a sua vida;
 »Mas já teimosa imprudente
 »Não será.
 »Que o génio, que o berço dá,

»Tira-o a tumba somente.»

O LEÃO DE LONGA IDADE

Um leão já entrevado
Pela idade em que se via,
Dos seus vassalos num bosque
Cruéis insultos sofria.
Chegou sorrateiro lobo
E pregou-lhe uma dentada;
Deu-lhe o cavalo dois coices
E o touro dura marrada;
«Minha fraqueza os faz fortes»,
Clamava a fera infeliz!
«Paciência! Agora me fazem
»O mesmo que eu já lhes fiz.»
Nisto, aos pinotes zurrando,
Farfante, o burro chegou,
E, voltando-lhe a garupa,
Quatro coices lhe atirou.
«Ah!, que afronta!, que desgraça!»,
Disse o leão, dando um urro,
«Antes mil vezes a morte
»Que sofrer coices dum burro.
»Quando qualquer poderoso
Decai do antigo poder,
Conte que até do mais vil
Afrontas há-de sofrer.

A DONINHA NA DESPENSA

Esguia, e longa de corpo,
Entrou Madama Doninha
Por um estreito buraco
Que certa despensa tinha.
Ali foi gente a esfaimada;
Sobre o toucinho saltou,
Roeu paios e presuntos,
E em tudo a sopa molhou.
Passados nove ou dez dias,
Já nédia, gorda e pesada,
Vindo um criado à despensa,
Por um triz não foi pilhada.
Vendo o seu risco iminente,
Quis então salvar a pele,
Foi-se ao buraco da entrada,
Porém não coube por ele.
Não ser o mesmo supondo
Por onde ali tinha entrado,
Deu mil voltas, não viu outro,
E creu o caldo entornado.
«Neste buraco», então clama,
«Há dez dias, sem mentir,
»Que para entrar coube, e agora
»Não caibo para sair.
»Ou eu perdi todo o tino,
»Ou o buraco estreitou.»
Mas nisto num rato já velho
Desta sorte lhe falou:
«Magra e faminta vieste,
»Gorda e farta agora estás,
»Torna a ser magra e faminta,
»Logo sair poderás.
»Se alguém contigo aqui der,
»Faz-te os ossos em açorda;
»Reflecte se mais te agrada»
Viver magra ou morrer gorda?»
A doninha não fez caso,
E a mesma vida seguiu,
Até que deram com ela,
E dura morte sentiu.
A vários sucede o mesmo
Em qualquer ocupação;
Que o muito que engordar querem
Faz a sua perdição!

A RAPOSA E AS UVAS

Raposa matreira
Foi pôr-se debaixo
De erguida parreira.
Cos olhos num cacho
Das uvas mais belas,
Contando com elas;
Armou-lhes três pulos,
Porém autos nulos,
Que não lhes chegou:
De novo saltou,
Mas teve igual sorte;
Buscando outro norte,
Num ar de desdém,
Torcendo o nariz,
Com gestos de quem
Por más não as quis,
Foi pernas metendo
Com lépido passo,
E disse entendendo,
Que as outras a ouviam:
«Estão em agraço,
»Nem cães as comiam.»
Há muitos humanos
Que seguem tais planos,
Por coisas se empenham
Que sôfregos querem,
E delas desdenham
Se não lhas conferem.

O GATO E O RATO VELHO

Ou eu li, ou mo disseram,
 Que havia um algoz dos ratos,
 Um Rodilardo segundo,
 Um Bonaparte dos gatos.
 Era uma légua de roda
 Temido mais que o Diabo,
 E dos ratos parecia
 Querer duma vez dar cabo.
 Armadilhas, ratoeiras,
 Nada a par dele faziam,
 Com medo a sair das tocas
 Os ratos não se atreviam.
 Vendo o ladino que a força
 Já pouco podia obrar,
 Recorreu a novo ardil
 Para os poder enganar.
 Num cordel se pendurou
 Miando em ar de engasgado,
 Meteu num laço o pescoço,
 Fingindo estar enforcado.
 Os ratos, que a medo o viram
 Naquela triste postura,
 Que era castigo julgaram
 Dalgum roubo ou travessura.
 Aquela suposta morte
 Foi de mil festins assunto,
 Projectou-se uma função
 Por exéquias ao defunto.
 Das tocas saindo, e entrando,
 Já na pele não cabiam,
 Lambendo-se uns se lavavam;
 Outros brincando corriam.
 Mas não há prazer completo;
 Quando o rancho estava junto,
 Pregando um pulo imprevisto,
 Ressuscitou o defunto.
 Saltou neles, pilhou muitos,
 Dizendo antes de os trincar:
 «São da guerra ardis, e haveis-me
 »Todos na pança ficar.
 »Para mim são fraco estorvo
 »Vossas cavernas escuras:
 »Contra vós triunfarão
 »Minhas tramas e imposturas.»
 Depois de trincar aqueles,
 Segundo engano inventou:
 Indo à casa de amassar

Na farinha se embrulhou.
Na tábua de amassadeira,
Embrulhado na farinha,
Se enroscou de olhos alerta
A ver a caça que vinha.
Trotava o povo miúdo
- Naqueles sítios contente,
Sem que pudesse antever
O seu perigo iminente;
Iam farinha comer
Do caso desprevenidos;
Sucedia-lhes o inverso,
Porque ficavam comidos.
Entanto, um rato já velho,
E de grande experiência,
Que havia perdido o rabo
Numa renhida pendência,
Prático em mil esconde rijos,
Fora da toca estendendo
A cabeça, ao ver o embrulho,
Disse, o focinho torcendo:
«Bem te vejo, amassadura;
»Mas fora do meu buraco
»Só me verás quando fores,
»Em vez de farinha, saco.»
A justa desconfiança
É contra a desgraça escudo,
Engana-se raras vezes
Quem desconfia de tudo.

O LEÃO AMOROSO

Quando os animais falavam,
E os homens selvagens eram,
Confundidos uns com os outros
Amantes laços teceram.
Uma rainha cretense
Por um touro suspirou,
E um leão também monarca
Servil serrana adorou.
Um dia, ao romper de aurora,
Num bosque a tinha encontrado,
E por seus olhos brilhantes
Ficou de amor transportado.
Expôs-lhe seus sentimentos,
Mil colóquios lhe rendeu;
Mas a serrana, assustada,
Nem palavra respondeu.
Ele, julgando ser pejo
O que era puro temor,
Ofertou-lhe a mão de esposo
Do seu afecto em penhor;
Sorriu-se a bela serrana
De ouvir tão doce expressão,
E tornou que só seu pai
Dispunha da sua mão.
Partiu logo o rei das feras
À tosca humilde choupana
Onde habitava o campónio
Pai da modesta serrana.
Expondo-lhe os seus intentos,
Da filha a mão lhe implorou;
De ter um genro tão fero
O serrano se assombrou!
Perturbado, longo tempo
Hesitou na decisão;
Dar-lhe o «sim» era desgraça.
E era risco dar-lhe o «não».
Mas um grande aperto às vezes
Ditosa lembrança apresta,
E, naquele em que se via,
Ao serrano ocorreu esta.
Disse: «Eu ledo te entregara
»Minha filha, mas prevejo
»Que hão-de feri-la teus dentes
»Indo-lhe dar algum beijo.
»Também receio que possas
»Ofendê-la, e magoá-la,
»Com tuas pungentes unhas

»Quando fores abraçá-la.
»Portanto não ta concedo
»Sem saber se tu consentes
»Que te decotem as unhas
»E que te partam os dentes.»
«Consinto», diz o leão
Em cego amor inflamado;
Mas qual foi o seu destino
Quando ficou desarmado!
Disse-lhe então o campónio,
Tendo um cajado na mão:
«Vil, o arrojo pagarás
»Da tua atroz pretensão.
»Eis saltam nele à pancada,
Que resistir não podendo,
Envergonhado, e corrido,
Foi logo pernas metendo.
A cega credulidade
A mil desgraças conduz;
Mas ainda a paixão de amor
Maiores danos produz.
Aos férvidos apetites
Nocivo culto ofertamos,
Precipícios não tememos
Para obter o que estimamos.

O BURRO E O DOGUE

Era uma vez um jumento
 Que certa casa servia,
 Na qual também muito nédio
 Um dogue formoso havia.
 No silêncio de alta noite
 O orelhudo comparava
 A sua penosa vida
 Com a que o dogue levava.
 Uma vez, triste e zangado,
 Entrou a dizer assim:
 «Trabalho mais do que eu posso,
 »E ninguém tem dó de mim!
 »Esse dogue, esse cachorro,
 »Passa vida regalada,
 »Corre, pula, brinca e dorme.
 »Come, bebe e não faz nada.
 »Mas creio que ele desfruta
 »Uma estimação tão alta,
 »Porque assim que o patrão chega
 »Faz-lhe festa, gane e salta.
 »E a mim talvez me odeiem,
 »Porque um tanto sou casmurro
 »E trago impressa na frente
 »Sempre tristeza de burro.
 »De vida se muda; o instinto
 »Que imite o dogue me diz
 »Que fazendo o que ele faz
 »Posso também ser feliz.
 »Constante neste projecto,
 Quebrando o cabresto um dia,
 Pôs-se à espera, de olho alerta,
 A ver se o patrão saía.
 Zurrando apenas o viu,
 Nele aos pinotes saltou,
 Pôs-lhe as patas sobre o peito
 E na calçada o lançou.
 Depois entrou a lambê-lo,
 Tal como o dogue fazia;
 Dava-lhe em defesa o dono
 Murro e coice que fervia.
 Depois que se pôde erguer,
 Lançando mão de um cajado,
 Deu-lhe a deixá-lo por morto,
 Julgando-o louco, ou danado.
 Assim pagou a imprudência
 Da sua louca invenção;
 Cada qual tem seu instinto;

Ser burro não é ser cão.
Deveremos conhecer-nos;
Que além de arrojo é leveza
Buscar transpor os limites,
Que nos pôs a Natureza.

O HOMEM E O ÍDOLO DE PAU

Pela fama dos milagres,
Comprou um certo pagão
Um ídolo de madeira,
Por bom preço, num leilão.
Em casa o pôs sobre um trono,
E para vê-lo propício
Lhe fazia de alvas reses
Um e outro sacrificio:
Com mil rogos lhe implorava
Cargos, filhos, interesses;
Mas, tendo orelhas, o nume
Era surdo às suas preces.
Reiterava os sacrificios
Com firmeza e confiança,
E bem que em vão, nunca o Deus
Perdia a sua pitaça.
Mas de baldar tantas preces,
Um dia, desesperado,
Fez em cavacos ao Deus
A golpes de ímpio machado.
Cheio de ouro o achou por dentro,
E absorto exclama: «Que tal!
»Já vejo que este senhor
»Não se quer senão por mal.
»Dentro em si tinha um tesouro,
»E que o guardava parece
»Só para aquele profano
»Que em pedaços o fizesse.»
Era este ídolo enganoso
Ao sobreiro comparado,
Que de si não larga frutos
Se não é bem varejado.
Homens há quais o tal Deus,
Para os que os honram inúteis,
E só rigor e violência
Têm força de os tornar úteis.

A GRALHA ENTRE OS PAVÕES

Pavão que andava na muda,
Sua plumagem largou,
E uma gralha presunçosa
Com ela o corpo adornou.
Entre um rancho de pavões
Atrevida se meteu,
Até que um dos camaradas
A impostora conheceu.
Passou palra aos companheiros,
Que em cima dela saltaram,
E não só o adorno alheio,
Mas o próprio lhe tiraram.
Voltou para as companheiras,
Que do sucesso informadas
A baniram do seu rancho
Ao som de mil apupadas.
O que sucedeu à gralha
Aos homens pode convir;
Aquele que o alheio veste
O vem na praça a despir.
Este caso, além do exposto,
Serve também de lição
A todos os que procuram
Parecer mais do que são.

O RATO E A RÃ

Por divertir-se uma tarde,
Um rato nédio, e refeito,
Na margem duma lagoa
Passeava satisfeito.
Uma rã, que dentre uns Juncos
Tão gordo o vê passear,
De o comer tem apetite,
Que o julga um belo manjar.
Diz-lhe então: «Vem aos meus lares.
»Ceia, e função te darei.»
O rato, sem mais demora,
Pronto lhe torna: «Eu irei.»
A rã, na margem saltando
Com refinada malícia,
Do seu aquático império
Lhe gaba a suma delícia.
Desta jornada lhe pinta
Novas futuras vantagens,
E o prazer que aos seus daria
Contando as suas viagens.
O rato, sem mais ouvir,
Entra na água, e nadar ousa;
Porém de estorvo lhe serve
Um limo, um pau, qualquer coisa.
Põe remédio a tudo a rã;
Cavilosa e de má-fé,
Prende com delgado junco
A mão do rato ao seu pé.
Então por ele puxando
Qual se leva à sirga um barco,
Dolosa ao sítio o conduz
Onde era mais fundo o charco.
Ali descarada busca
Afundá-lo sem piedade,
Contra o direito das gentes
E leis da hospitalidade.
O rato conjura os deuses,
Razões sem conto lhe alega;
Mas a rã, surda a seus rogos,
Só em matá-lo se emprega.
Das unhas se vale o pobre
Para defender a vida;
A rã com ele mergulha,
Volta, puxa, salta e lida.
Vendo um milhano o debate,
Cai-lhe em cima de repente,
Empolga a rã, indo o rato

Bem como selo pendente;
«Tenho», então disse o milhano,
«Carne e peixe que cear»;
Mas roendo o rato o junco
Cai na água, e pode escapar.
A rã vítima foi só
Do seu embuste inumano;
E o mal que fazer queria
Lhe fez o feroz milhano.
Quase sempre as ímpias tramas
Urdem o mal do inventor;
E mil vezes a perfidia
Recai sobre o seu autor.

O RAPAZ E O MESTRE

Certa manhã de sueto
 Rapaz, que andava na escola,
 Foi para as margens dum rio
 Fazer muita cabriola.
 Faltando-lhe ambos os pés,
 Caiu na água de repente,
 E foi pelo rio abaixo,
 Levado pela corrente.
 Um verdejante salgueiro
 O fado lhe deparou,
 A cuja verde ramagem
 Às mãos ambas se agarrou.
 O mestre da sua escola
 Então por ali passava:
 «Acuda-me, Senhor Mestre»,
 O pequeno lhe gritava.
 Ele, num tom de pedante,
 Em lugar de lhe acudir,
 Entrou logo a repreendê-lo
 Por brincar e por cair.
 «Deixa estar, já que te metes»,
 Dizia, «nestas alhadas,
 »Hei-de rachar-te amanhã
 »As mãos com palmatoadas.
 »Para sofrer destes brutos
 »As asneiras, é preciso
 »Não só paciência de Job
 »Mas de um Gatão o juízo.
 »Eu, que sou um *Non plus ultra*
 »Em regras gramaticais,
 »Que um verbo passivo, ou neutro
 »Conjugo melhor que os mais;
 »Que os três géneros distingo,
 »Que sei sintaxe de cor,
 »Metido a sofrer crianças...
 »Não há desgraça maior!»
 Pedindo que o socorresse,
 O rapaz o interrompia;
 Mas ele sem atendê-lo
 Na pregação prosseguia.
 «Ai que morro! Senhor Mestre»,
 Grita o pequeno insofrido,
 «Já não posso!» E larga as mãos
 E é nas águas submergido.
 «Então», prossegue o farfante:
 «Pode haver maior tolice?
 »Quis antes morrer por mau

»Que esperar que eu lhe acudisse.
»Safou-se mui satisfeito;
Que um pedante pregador
E o bicho mais inútil,
Que produz o Criador.
Dá tal peso a seus discursos,
Que se vir morrer seu pai,
Sem que os finde, certamente
Dar-lhe socorro não vai.

O CAVALO E O VEADO

Ledo cavalo fogoso
Pascia a relva dum prado;
Eis que chegando um veado
Também pastar procurou.
Sôfrego, o cavalo, entanto,
Por ser senhor mais antigo,
Deitar fora do pascigo
Logo ao veado intentou.
Eis virando-lhe a garupa
Jogou dura artilharia;
Mas a quem a dirigia
Um só tiro não chegou.
Apenas o viu cansado,
Correu o cervo a investi-lo,
E então depois de feri-lo
Fora do campo o lançou.
Eis ao viajante primeiro
Que viu no campo o cavalo
Convidou para vingá-lo
Do cervo, que o maltratou.
O homem pôs-lhe um duro freio,
Longa cilha e coxim brando,
E em cima dele montando
Contra o inimigo trotou.
Terçando venablo agudo
Deu sobre o nédio veado,
Que ferido e maltratado
Depressa o campo deixou.
O cavalo, satisfeito,
Lhe pediu que se apeasse
E que o freio lhe tirasse
Com que a boca lhe açamou.
Respondeu-lhe o cavaleiro:
«De punir a tua ofensa
»És tu próprio a recompensa;
»E agora teu dono sou.»
Quis o cavalo segui-lo;
Mas ele, sem ouvir nada,
Pregando-lhe uma esporada,
A casa logo o levou.
Por uma néscia vingança,
Prole vã da fatuidade,
Da posse da liberdade
Para sempre se privou.
É muitas vezes prudência
Uma ofensa disfarçarmos;
Que o furor de nos vingarmos

Sempre abismos nos cavou.

O LOBO, A MULHER E O FILHO

Voraz lobo viu sair
Uma vez de madrugada,
Do casal dum camponês,
De reses grossa manada.
Logo no dia seguinte
Foi-lhe à porta madrugar,
Na ideia de que à saída
Pudesse alguma apanhar.
Pôs-se mui concho agachado
D'ouvido alerta esperando,
Quando ouviu dentro da casa
Uma criança chorando.
E a mãe a dizer-lhe enfadada:
«Cale essa boca mofino,
»Inda chora? Espere, ó lobo,
»Vem comer este menino.»
Quando o lobo tal ouviu,
Cheio de alegre alvoroço,
Disse: «Imenso to agradeço,
»O Céu te pague este almoço.
»Depois, empinado à porta,
Abrindo a vasta goela,
Supôs que a mãe lhe botasse
O filho pela janela.
Mas nisto escutou dizer:
«Durma já, não seja mau!
»Se o lobo quiser cá vir
»Havemos corrê-lo a pau.»
«Que inconsequência tamanha!»,
Diz o glutão insofrido,
«Há-de cumprir-me a promessa,
»Que o prometido é devido.
»Nisto, ao som de uivos horrendos,
Na porta a rapar entrou,
De sorte que aos guardadores
Que dormiam acordou.
Eis de fouces roçadouras,
De paus e chuços armados,
Saltando-lhe logo em cima
Fizeram-no em mil bocados.
Da vila ao senhor levaram
A cabeça do agressor,
Que a mandou, com esta letra,
Em meio da praça pôr:
«Da nímia credulidade»
Vítima foi este louco,
»Em ameaços de quem ama

»Deve-se crer muito pouco.»

O VELHO E SEUS FILHOS

Um velho sábio, e prudente,
Vendo-se vizinho à morte,
Chama três filhos que tem
E fala-lhes desta sorte:
«Eia, vede, amados filhos,
»Se quebrais por força ou jeito
»Este emblema»; e tira um molho
De varas de vime feito.
Ao filho mais velho o dá,
Que se propõe a parti-lo;
Mas, por mais forças que emprega,
Nunca pôde consegui-lo.
Pega-lhe o filho segundo,
Destro e valente rapaz,
Que parti-lo não consegue
Por mais esforços que faz.
Entregam-no ao mais pequeno,
Que blasona de mui forte,
Torce, dobra-o, cora e sua,
E deixa-o da mesma sorte.
«Fracos moços!», diz o pai,
«Vossa fraqueza celebros!
»Vede como desta idade
»Essas varas todas quebro.
»Depois, desatando o molho,
Pronto as varas dividindo,
Com toda a facilidade
Uma a uma as vai partindo.
E diz: «Vede neste exemplo,
»Filhos do meu coração,
»Os desastres da discórdia
»E as vantagens da união.
»Partir não podeis, ó moços,
»As varas estando unidas;
»Mas depois de separadas
»São por fracas mãos partidas.
»Se unidos vos conservardes,
»Assim, ó filhos, sereis,
»E aos baldões ímpios da sorte
»Sem custo resistireis;
»Mas se algum dia a desgraça
»Vos chegar a desunir,
»Qualquer de vós aos seus golpes
»Não poderá resistir.
»Assim o velho proclama
Esta brilhante doutrina,
E no fim de pouco tempo

Sua carreira termina.
Os filhos choram-lhe a morte
Com lamentos deploráveis!
Porém, lembram-se mui pouco
Dos seus conselhos saudáveis.
Porque danoso interesse
Em partilhas os envolve,
E um credor, e outro credor
Os bens paternos dissolve.
Depois, vomitando injúrias,
Uns contra os outros litigam,
E os ministros com prisões
E com multas os castigam.
Pobres por fim, noite e dia
Com pranto e queixas amaras
Recordam, mas sem remédio!,
O sábio exemplo das varas.

A RAPOSA, A CABRA E A FILHA

Contra a raposa sabida,
 Uma cabra prevenida
 A pastar sai querendo,
 O fecho da porta erguendo,
 A sua prole querida
 Assim disse, o mal prevendo:
 «Agora, filha sincera,
 »Que tenho que ir ao pascigo,
 »Toma conta no que digo:
 »Saberás que há uma fera,
 »Que raposa tem por nome,
 »A qual rouba, mata e come,
 »Pelos embustes que trama,
 »Tenras cabrinhas de mama;
 »E assim, filha, muito importa
 »Que enquanto a casa eu não venha
 »A ninguém abras a porta
 »Sem que te dê esta senha:
 »'Mau fim a raposa tenha
 »Mais a sua geração.'»
 Por ali passava então
 Uma raposa perversa,
 Que ouvindo toda a conversa
 De cor a senha aprendeu,
 E vendo a cabra sair,
 Chegou-se à porta e bateu.
 Entrou a voz a fingir,
 Dizendo: «Podes abrir,
 »Cara filha, que sou eu.»
 E nisto a senha lhe deu.
 A cabrinha temerosa
 Da voz estranhando o tom,
 Lhe respondeu cautelosa:
 «A miga, seria bom,
 »Antes que eu a porta abrisse,
 »Que uma das tuas mãos visse;
 »E portanto o braço entorta,
 »E vê se o podes meter
 »Aqui por baixo da porta,
 »A fim de que eu possa ver
 »Se é garra ou unha o que tens;
 »Doutra sorte, errada vens.
 »Do que ouviu tonta a matreira
 Replicou muito lampeira:
 «Porque raposas têm unha?
 »Era o mesmo que eu supunha.»
 A cabrinha então clamou,

E no fecho carregou.
A raposa presumida,
Tonta, pasmada, aturdida
De ver em tão pouca idade
Tamanho sagacidade,
Partiu a tratar da vida;
E a cabrinha acautelada
Escapou de ser tragada.
Quase sempre a segurança
Serve aos mortais de guarida,
E a sábia desconfiança
Mil vezes nos poupa a vida.

AVISO DE SÓCRATES

Sócrates fez umas casas
De Atenas em certa rua,
Para nelas habitar
Coa pouca família sua.
Que eram baixas uns diziam,
E outros bastante elevadas,
E em suma convinham todos
Em que eram muito apertadas.
«São apertadas, é certo»,
Disse o sábio, «Mas eu sei
»Que de amigos verdadeiros
»Cheias jamais as verei.»
É mais raro do que a Fénix
Um amigo verdadeiro:
Não há nome tão sagrado
Que seja mais corriqueiro.

ESOPO

Com uma lanterna acesa,
As horas do meio-dia,
O Sábio, célebre Esopo,
Da Grécia as praças corria.
Levava o sábio escravo
Imenso povo consigo.
Perguntaram-lhe: «O que buscas?»
Respondeu: «Busco um amigo.»
É quase sempre a amizade
Filha do baixo interesse;
Se se acaba a dependência
Logo a amizade falece.

O ORÁCULO DE APOLO E O ÍMPIO

Estúrdio pagão, um dia,
Inda mais ímpio que tolo,
Que pouco em seus deuses cria,
Entrou no templo de Apolo
E assim ao númen dizia:
«Para em ti, ó deus, ter fé,
»Cumpre que digas de certo
»Se é coisa viva ou não é,
»O que nesta mão aperto.
»Era um pardal que trazia
E doloso pretendia
De repente sufocá-lo,
Ou incólume deixá-lo,
Segundo fosse a resposta,
Que do oráculo obtivesse,
Fazendo uma coisa oposta
Àquela que ele dissesse.
Ardendo em furor activo,
O oráculo lhe responde:
«Mostra-nos, homem nocivo,
»Esse pardal morto, ou vivo,
»Que a tua mão nos esconde,
»E vê, sacrílego estulto,
»Que aos olhos dos sacros entes
»Nada pode ser oculto
»Que se faça entre os viventes.
»O ímpio extático ficou,
Mas de intuito não mudou;
Que o mau de ser mau só deixa
Nos momentos de terror,
Ou quando os olhos lhe fecha
Para sempre o sacro autor.

A COTOVIA E OS FILHOS

Uma idosa coto via,
 Na meiga flórea estação,
 Foi mais tardia que as outras
 Na sua propagação.
 Entre uma pingue seara,
 Que estava quase madura,
 Tinha arranjado o seu ninho
 E feito a sua postura.
 Já pelos ares se viam
 De novas aves cardumes,
 E inda os filhos da ronceira
 Estavam todos implumes.
 Já seca a seara estava,
 E o dono da sementeira,
 Vindo vê-la com seus filhos
 Lhes falou desta maneira:
 «Amanhã começaremos
 »A ceifar os nossos trigos;
 »Convidai para ajudar-nos
 »Todos. os nossos amigos.
 »Foram-se; e pode julgar-se
 Que susto não sofreriam
 Os passarinhos infaustos,
 Que ainda voar não podiam.
 Quando a mãe veio de fora,
 Disseram-lhe entre alaridos:
 «Não sabe, ó mãe, o que vai,
 Não sabe, estamos perdidos!
 »Foi o dono destes pães
 »Seus amigos convidar,
 »Para amanhã muito cedo
 »A ceifa principiar.»
 «Os seus amigos!» disse ela,
 «A vossa agonia é vã,
 »Sossegai, dormi tranquilos;
 »Que se não ceifa amanhã.
 »Assim foi; que no outro dia
 Os amigos não chegaram,
 Que dando ao velho desculpas
 Cortesmente se escusaram.
 Voltou no dia seguinte
 O dono, e entrou a dizer:
 «Nossos amigos faltaram,
 »E os trigos vão-se a perder.
 »Para amanhã começarmos,
 »Ide, ó filhos, diligentes,
 »Dizer que venham com foices

»Todos os nossos parentes.
»Novos sustos, novas ânsias,
Os passarinhos tiveram,
E apenas a mãe chegou
Logo tudo lhe disseram.
«Ele convida os parentes!»,
Disse a esperta cotovia,
«Pois sabei que inda amanhã
»A ceifa não principia.
»Passou-se a manhã, e a tarde,
E nenhum apareceu,
Respondendo que deviam
Primeiro ceifar o seu.
Então, no outro dia, o dono
Disse: «Em nós só confiemos,
»Eu, e vós e os nossos moços,
»Amanhã começaremos;
»Ide, ó filhos, comprar foices
»Hoje mesmo no mercado,
»Que espero que em breve tempo
»Vejamos tudo ceifado.
»Quando a coto via esperta
Viu esta resolução,
Disse: «Ó filhos, logo, e logo,
»Deixai esta habitação.
»Prontamente os filhos todos
Cuadas e voltas dando,
Atrás da mãe aos saltinhos
Se foram logo safando.
Em menos de três semanas,
Até sem muita canseira,
Estava já debilhado
O trigo dentro da eira.
O velho então conheceu,
Vencendo a sua demanda,
A força deste ditado:
«Quem quer vai, quem não quer manda.»

O AVARO QUE PERDEU O SEU TESOIRO

Com fadigas, com trabalhos,
Um misérrimo avarento,
Faltando ao próprio sustento,
Pôde um tesouro ajuntar,
E receando algum roubo
O foi num campo enterrar.
Em triste desassossego,
De noite pouco dormia,
E apenas amanhecia
Ia-o logo visitar,
O que repetia sempre
Até o dia acabar.
No fim de cada semana,
Lá de noite, o malfadado
Tudo que tinha ganhado
Ia ao tesouro aditar;
E passava horas e horas
Sem dormir, nem descansar.
Demorou-se uma vez tanto
Nesta empresa o louco avaro,
Que já era dia claro
E inda estava a trabalhar;
De tal sorte que foi visto
Por um pastor do lugar.
Apenas se foi o avaro,
O pastor, sedento de ouro,
Foi onde estava o tesouro
E entrou na terra a cavar;
Deu com ele, pô-lo às costas,
E mui fresco pôs-se a andar
Eis que ao sítio em breve tempo
Voltou pronto o ansioso avaro,
E do seu tesouro caro
Achou somente o lugar.
Céus! Que prantos, que lamentos!
Quer fugir, quer-se matar!
Ouviu-lhe um sério viajante
O choro desatinado,
E do motivo informado
Lhe disse em muito bom ar:
«Não tinha casa, avarento,
»Para o teu ouro guardar?
»Perder de vista o que se ama
erro crasso, é ser tonto;
»Não o tinhas lá mais pronto
»Quando o quisesses gastar?
»Numa aflição, num repente,

»Como o havias ir buscar?»
«Quem? Eu, gastar o meu ouro!»,
Lhe respondeu o avarento,
«Que com tanto sofrimento
»Tenho podido ajuntar!
»Para tal não tinha forças,
»Antes de mímica estalar.»
«Ah!», tornou-lhe o caminhante,
«Modera tanta agonia;
»Teu ouro de que servia,
»Se o não havias gastar?
»Supõe que to não roubaram,
»E põe terra em seu lugar;
»Do que serve a posse do ouro,
»Se uso dele não fazemos?
»Urgências iguais sofremos
»Às que o pobre ousa passar;
»Quem não quer, ou quem não pode,
»Sempre deixa de gozar.»

A TAINHA E O PESCADOR

Uma pequena tainha,
Que inda não era fataça,
Na margem duma ribeira
Caiu em dolosa nassa.
O pescador, quando a viu,
Lhe disse: «És pequena assaz,
»Mas fazes número; à noite,
»De ceia me servirás.»
«Tem dó de mim», clamou ela,
Num tom de voz muito agudo,
Que este caso foi no tempo
Em que inda falava tudo.
«Tem dó de mim», prosseguiu,
»Torna-me n'água a lançar,
»E quando eu for mais crescida,
»Podes-me então apanhar.
»De que te sirvo eu agora
»Nesta minha pequenez?
»Sou um mesquinho bocado,
»Que se engole duma vez;
»Por alto preço me podes
»Quando eu for grande vender;
»Ou ter em mim três jantares
»Se me quiseres comer.
»O pescador lhe tornou:
«Falas verdade, bem sei;
»Mas antes um *toma lá*,
»Do que dois *eu te darei*.
»Tu, e algumas irmãs tuas,
»Que inda hoje espero pescar,
»Hão-de servir-me esta noite,
»Que as hei-de fritas cear;
»Talvez que mais te não visse
»Se te soltasse piedoso;
»É tolo quem deixa o certo
»Pelo que está duvidoso.»

AS ORELHAS DA LEBRE

Conta-se que em noite escura
Certo animal cornifronto
Pôde ferir à traição,
Junto da encosta dum monte,
O rei das feras, leão;
Que em despique mandou logo
Banir por ordens legais,
Para horror de tal delito,
Os bicornes animais
De todo aquele distrito:
Bois, veados, cabras, todos
Que na frente armas traziam;
Aqueles sítios deixavam;
E os que logo o não faziam,
Dura morte suportavam!
Notando tímida lebre
Cumprirem-se leis tão cruas,
Na sombra um dia observando
As longas orelhas suas,
Disse a um grilo titubando:
«Ai!, que estas minhas orelhas
»Por chifres se tomarão!
»E se houver um delator
»Que o vá dizer ao leão,
»Da lei me exponho ao rigor!»
«Tu fazes de mim pateta?
»Fala, tola; pois é crível»,
Lhe disse o grilo em bom ar,
«Que um par de orelhas flexível
»Possa por chifres passar?»
«Sim» (disse ela), «e porque não?
»Tenho-os visto mais pequenos.
»Tornou-lhe o grilo: «Vaidosa!
»Se os teus fumos fossem menos,
»Serias mais venturosa.
»Quem és conhece, e descansa;
»Porque sempre que supomos,
»Pela vaidade que temos,
»Ser aquilo que não somos,
»Mil incómodos sofremos.»

A RAPOSA DERRABADA

Uma ladina raposa
 Caiu em certa armadilha
 (Que sempre as tece o Diabo!),
 E foi grande maravilha
 Ficar apenas sem rabo.
 Com tal perda envergonhada,
 De a coonestar busca a ideia;
 E às sócias vendo uma vez
 Juntas em grande assembleia
 Lhes disse muito cortês:
 «Sabei que os cães destes sítios,
 »Que há dias tenho encontrado
 »Por esta campina toda,
 »Têm cérceo o rabo cortado,
 »Que me faz crer que isto é moda;
 »Se é moda (falo-vos sério),
 »Nunca vi coisa mais útil!
 »De que serve, dizei vós,
 »Trazermos um peso inútil
 »Pendurado atrás de nós?
 »Um rabalhão gadelhudo,
 »Que nos faz calma no Estio
 »E lá pelo Inverno todo
 »Nos dobra e exaspera o frio,
 »Ou cheio de água, ou de lodo?
 »Portanto eu vos aconselho
 »(E deixemos questões fúteis)
 »Que o rabo cortemos todas;
 »Pois quando as modas são úteis,
 »É útil seguir as modas.
 »Uma doutora do rancho,
 Mestra em astúcias antiga,
 Lançando-lhe a vista em roda,
 Lhe diz: «Ora aposta, amiga,
 »Que tu já usas da moda?
 »Deixa ver, dá meia volta.»
 Eis que então a derrabada,
 Disfarçar-se não podendo,
 Ao som de grande assuada,
 Dando às gâmbias foi correndo.
 Quem de um delito afrontoso
 Em si o ferrete imprime,
 Com achar parceiros conta;
 Crendo que a mancha do crime,
 Sendo usual, pouco afronta.

A VISTA DE QUEM É DONO

Um tímido veado
 Por ímpios cães instado,
 Foi num curral de bois
 Buscar piedoso abrigo
 E escudo ao seu perigo.
 Um boi disse: «Ó vizinho,
 »Vai, segue o teu caminho,
 »Melhor asilo busca.
 »Tornou-lhe o cervo assim:
 «Irmão, tem dá de mim!
 »Lá fora anda um cachorro,
 »Que se me apanha eu morro!
 »Aqui ficar me deixa,
 »Que em prémio um bom pascigo
 »Te indicarei, amigo.
 »Calou-se o boi, e entanto
 O cervo pôs-se a um canto;
 Trouxeram erva os moços,
 Entraram e saíram,
 E o hóspede não viram.
 Já livre se julgava
 Do susto que encarava;
 Pôs-se a comer no feno,
 E junto à manjedoura
 Foi rede varredoura!
 Um boi lhe disse então:
 «Em risco estás, irmão!
 »Que esse homem de cem olhos
 »Não veio inda hoje aqui!
 »E a vir, pobre de ti!»
 O tímido veado
 Foi pôr-se alapardado
 Entre uma carga de erva;
 E entrou nela a comer
 Por tempo não perder.
 Chegou pouco depois
 O dono a ver os bois,
 Dos moços precedido;
 E um tanto carrancudo
 Pôs-se a ralhar por tudo:
 «Levanta esse aguilhão,
 »A canga está no chão,
 »Feno ao mourisco deita;
 »Parece esta erva pouca,
 »Aqui há outra boca!»
 Deitando ao lado os olhos,
 Viu entre os velhos molhos

Um galho de armadura
Do tímido veado,
Que estava acaçapado.
Então lhe disse: «Olá!
»Você também por cá!
»Comendo o pasto aos bois!
»Espere», e c'um forçado
Deu morte ao malfadado!
Tem mais vista, ou melhor,
Os olhos de um senhor
Do que os dos seus criados;
Porque o próprio interesse
As vistas esclarece.

O CAVALO E O LOBO

Na linda estação das flores,
 Às horas do meio-dia,
 Brioso, esperto cavalo,
 A verde relva pascia.
 Dum bosque vizinho um lobo,
 Botando-lhe o lúzio, diz:
 «Quem te comer essas carnes
 »É por extremo feliz!
 »Ah!, que se foras carneiro,
 »Ou mesmo burro, ou vitela,
 »Já marchando me andarias
 »Pelo estreito da goela;
 »Mas és um castelo! E assaz
 »Temo a tua artilharia!
 »Vou bloquear-te, e do engano
 »Fazer fogo à bateria.
 »Então do bosque saindo
 Em passo lento, e miúdo,
 De largo diz ao cavalo:
 «Camarada, eu te saúdo;
 »Respeita em mim um galeno,
 »Que passa a vida a curar,
 »Que das ervas as virtudes
 »Sabe aos morbos aplicar;
 »Aposto que tens moléstias,
 »E porque na cura erraram,
 »Tomar ares para o campo,
 »Como é uso, te mandaram;
 »Se quiseres que te cure,
 »Ficarás são como um pêro;
 » – Grátis – que, bem entendido
 »Paga de amigos não quero.»
 O cavalo, conhecendo
 A malícia do impostor,
 Diz-lhe: «O Céu lhe pague o bem
 »Que me faz, Senhor Doutor;
 »E verdade que eu padeço
 »Há nove dias, ou dez,
 »Um tumor e uma ferida,
 »Tudo nas unhas dos pés.»
 «Bem que essa doença toque
 »À cirurgia somente»,
 Diz o lobo, «eu nesse ramo
 »Sou um prático eminente!»
 Torna-lhe o fingido enfermo:
 «Pois então, Senhor Doutor,
 »Chegue-se a mim, que eu me volto,

»Venha apalpar-me o tumor.»
«Pois não, filho!», diz-lhe o lobo,
E a fim de o filar se chega.
Mas de repente o cavalo
Dois grandes coices lhe prega:
Acerta-lhe pela frente,
Faz-lhe o focinho num bolo;
E o lobo exclama: «É bem feito!
»Quem me manda a mim ser tolo?»
Mete pernas como pôde,
Dizendo um tanto enfadado:
«Como a breca as arma! Fui
»Buscar lã, vim tosquiado.
»De carnicheiro a ervanário
»Quis passar sem que estudasse;
»Levei da toleima o prémio;
»Cada qual para o que nasce.»

O LAVRADOR E SEUS FILHOS

Lavrador já vizinho da morte
A seus filhos falou desta sorte:
«Filhos meus, um conselho vou dar-vos,
»De que haveis toda a vida lembrar-vos:
»Não vendais a frutífera terra
»De meus pais, fausta herança que encerra
»Um tesouro, que em dote lhes coube,
»Mas o sítio em que está nunca eu soube;
»Que ele existe e que o há sei decerto,
»Mas por vós deve ser descoberto;
»Removei o terreno, lavrai-o,
»Com desvelo a miúdo cavai-o,
»E em ditosas colheitas obtendo,
»Do tesouro porções ireis vendo.
»Morto o velho, os seus filhos ficaram,
E o paterno conselho abraçaram,
Os seus campos tão bem resolveram,
Que feliz sementeira tiveram;
Todo o ênfase então descobriram
Dos paternos ditames, e virão,
Recebendo feliz porção de ouro,
Que é no mundo o trabalho um tesouro.

A MONTANHA PARINDO

Erguida montanha
Parir pretendendo,
Fez bulha tamanha,
Clamor tão horrendo,
Que o mundo aturdiu;
Por fim um aguado
Ratinho enfezado
Foi quanto pariu.
Tais contos, dirão
Que a todos competem,
Que muito prometem,
E nada nos dão.

A FORTUNA E O RAPAZ

Dum poço na borda,
Ao longo deitado,
Rapaz indiscreto
Dormia engolfado
No sono mais doce,
Bem como se fosse
Em mole colchão.
Qualquer que o fizesse
Mais anos contando,
Iria do poço
Ao fundo bailando.
Eis passa a Fortuna
Na mais oportuna
Feliz conjunção;
Desperta o pequeno
Com todo o carinho:
«A vida te salvo»,
Lhe diz, «ó louquinho!
»Mas tem mais cautela,
»Não busques sem ela
»Jamais protecção:
»Se acaso morresses
»No poço afogado,
»De tal infortúnio
»Quem era o culpado?
»Talvez que dissessem
»Que eu era, e tivessem
»De ti compaixão:
»Se aos danos sucumbe
»Quem busca o perigo,
»Desculpam-se logo
»Os homens comigo;
»Por suas loucuras,
»Se tem desventuras,
»A culpa me dão.
»Supõe esses loucos
»No seu desatino,
»Obterem desculpa,
»Culpando o destino;
»Infaustos reveses
»São fruto mil vezes
»Da má propensão.»

O LOBO FEITO PASTOR

O lobo por conhecido
Vendo fugir-lhe a ventura,
Da nova trama se lembra
De disfarçar a figura:
Toma os trajes de pastor,
Veste pelico e gibão,
Seu rabel, sua sanfonha,
E a tiracolo um surrão.
De um cajado se apodera,
E em seu chapéu desabado,
Podendo, escrevera: «Eu sou
»Guilhot, pastor deste gado.»
Desta forma contrafeito,
Pé ante pé se encaminha
Para o sítio onde o rebanho
Remói a tosada ervinha.
O verdadeiro Guilhot
A sono solto dormia,
Dormia o rabel com ele,
E o mesmo o seu cão fazia.
Uma parte do rebanho
Dormia à sombra igualmente:
O nosso hipócrita sonso
Já se baba de contente.
Para poder conduzir
Todo o gado a seu sabor,
Quer unir ao traje as vozes,
Quer fingir as do pastor.
Mas este apuro do engano
Lhe deita o caso a perder;
Que o som da voz pavoroso
Faz o campo estremecer.
Espavoridos acordam
O gado, o pastor e o cão,
E ao máscara conhecendo,
Ao lombo logo lhe vão;
Que vendo-se em calças pardas
Pelos fatos impedido,
Nem fugir, nem defender-se,
Ao menos é permitido.
Com a vida paga o dolo;
Que anda o fingido arriscado
A ser por qualquer descuido
Conhecido e castigado.
Cansa-se em vão quem pretende
Seu natural encobrir;
Porque ou mais tarde ou mais cedo,

Lhe há-de a máscara cair.

OS MÉDICOS

Certo médico chamado,
De alcunha o Tanto Melhor,
Foi visitar um doente,
Do qual o Tanto Pior
Era médico assistente.
O último, sempre funesto
Que o doente morreria,
Altamente sustentava,
E o Tanto Melhor dizia
Que o pobre enfermo escapava.
Houve sobre o curativo
Mui grande contestação;
Um aplicava calmantes,
O outro armava uma questão
A favor dos irritantes.
No fim de tanto debate,
O enfermo a vida perdeu,
E o Tanto Pior clamou:
«Vejam qual de nós venceu.»
«Se o meu cálculo falhou?»,
Tornou-lhe o Tanto Melhor
(Mostrando um vivo pesar),
«Pois eu sempre afirmarei
»Que morreu por não tomar
»Os remédios que indiquei.
»Enquanto a mim, se os tomasse,
Morrer havia igualmente;
Mas é desgraça maior
Cair um pobre doente
Nas mãos dum Tanto Pior.

A GALINHA QUE PUNHA OS OVOS DE OURO

Um homem tinha
Uma galinha,
Que Juno bela ²¹
Por desenfado
Tinha fadado.
Vivia ela
Dentro dum covo,
E punha um ovo
De ouro luzente
Em cada um dia,
Que valeria
Seguramente
Dobrão e meio;
Mas o patrão,
Um dia, cheio
De ímpia ambição,
Foi-se à galinha
E degolou-a.
Examinou-a;
Porque supunha
Que em si continha
Rico tesouro,
Visto que punha
Os ovos de ouro;
Mas nada achou!
E por avaro
Se despojou
Do rico amparo
Que nela tinha.
Outra galinha
Jamais topou
Com tal condão;
E assim pagou
Sua ambição.

²¹ Carecia-se da razão por que a galinha punha os ovos de ouro; e sendo falada por Juno, já fica verosímil.

O JUMENTO QUE LEVAVA RELÍQUIAS

Um pobre sendeiro
Relíquias levava
A sítio remoto,
E o povo devoto,
Quando ele passava,
Mil cultos lhe dava.
Inchando-se o estulto,
Julgou, presumido,
Que todo este culto
Só era devido
À sua pessoa.
E teve tal proa
Com esta ilusão
O paparrotão,
Que sendo um selvagem,
De grã personagem
Fumaças criou:
Uma tal, que observou
A vã presunção
Do fofo asneirão,
Só digno de insultos,
Assim lhe falou:
«Vê bem que esses cultos,
»Que os homens te dão,
»Com que vil mazombo
»Tão concho te fazes,
»São só ao que trazes
»Em cima do lombo.»
Ao fofo jumento
Serão comparados
Alguns potentados
De chocho talento,
Que são respeitados
Só pelo ornamento
De que andam cercados.

O VEADO E A VINHA

Por cães e caçadores
Corrido um cervo selvagem,
Duma vinha, entre a folhagem
Escondendo-se, escapou.
Apenas supôs o ingrato
Estar fora do perigo,
No seu benfazejo abrigo
A comer logo saltou;
Tendo as videiras despido,
Todo ficou descoberto,
E dos cães, que andavam perto,
Cercado e preso ficou.
Neste aperto, disse o ingrato:
«Bem mereço este castigo!
»Prostrei quem me dava abrigo,
»Quem minha vida amparou!»
Morreu!, deixando um exemplo,
Na sua morte inumana,
A quem o asilo profana,
Que a vida lhe conservou.

A SERPENTE E A LIMA

Conta-se que uma serpente
Dum serralheiro vizinha,
Esfomeada e mesquinha,
Na loja à noite lhe entrou.
Correu tudo, e, não achando
Em que da fome se exima,
Pôs-se a roer numa lima
Que ali primeiro encontrou.
Esta, sem que se agastasse,
Lhe disse: «Rói-me, ó serpente,
»Verás depois que o teu dente
»Há-de sentir quem eu sou.»
Assim foi! Rombos ficaram
Os dentes à serpe dura,
Que desde aquela aventura
Sempre a roer lhe custou.
Convosco falo, ó vãos zoilos,
Vãos de talento, e de estudo,
Mas que ousais morder em tudo
Quanto às vossas mãos chegou:
São ouro as obras do sábio,
Se as roeis, roeis vãmente;
Não se imprime o vosso dente
No que a fama eternizou.

O LEÃO E O PASTOR

Sendo furtado um cordeiro
Por fero voraz leão
O bazófilo pegureiro,
Cheio de raiva e paixão,
Clama: «ó Jove justiceiro,
»Se me entregas o ladrão,
»Dou-te o mais gordo cordeiro
»Que tenho no meu rebanho;
»Ah!, que se entre as mãos te apanho,
»Traidor, que o meu ódio excitas,
»À força de bordoadas
»Faço-te o corpo em salada.
»Palavras não eram ditas,
Quando vê dum arvoredos
Sair o bravo leão!
Eis convulso o fanfarrão,
Ficando a tremer de medo,
Olha dum e doutro lado,
Para poder descobrir
Algum tronco onde subir;
Mas teme ser apanhado.
Em tão fera colisão,
Exclama: «Ó Jove sagrado,
»Eu te ofertei um carneiro
»Se o ladrão me descobrisses;
»Agora o rebanho inteiro
»Te dava se me acudisses.
»O generoso leão,
Observando um tal receio,
Teve dele compaixão,
E voltou por onde veio.
Lances de aperto e de horror
A pedra de toque são,
Onde ou fraqueza, ou valor,
Sinais de si logo dão.
Defronte do contendor
Redobra o forte a coragem;
E o fraco blasonador
Muda ao vê-lo de linguagem.

A PERDIZ E A LEBRE

Uma perdiz e uma lebre
 No mesmo campo habitavam,
 E em vindo a perdiz ao chão
 Ambas muito conversavam.
 A lebre às nuvens erguia
 De seus pés a ligeireza;
 Louvava das asas suas
 A perdiz a fortaleza.
 Mas ao campo veio um dia
 Matilha de cães de caça,
 E a lebre foi esconder-se,
 Temendo alguma desgraça.
 O Esperto e o Fusco, podengos,
 De olfacto muito subtil,
 Pela pista farejando
 Deram prontos no covil.
 Era o terreno arenoso;
 E logo tanto raparam,
 Que arrombando a frágil toca
 A pobre lebre apanharam.
 A perdiz, tudo observando,
 Qual as amigas modernas,
 Disse: «É bem feito, pacóvia,
 »De que te serviu ter pernas?
 »Tantas vezes celebraste
 »Tua grande ligeireza,
 »E sem que um só pulo desses
 »No covil ficaste presa.»
 Enquanto a perdiz mofava
 Do que a mísera passou,
 Parado, cos olhos nela,
 Um perdigueiro observou.
 Já de sustos perturbada,
 Batendo as asas fugiu;
 Mas o cão, destro correndo,
 Bem que de longe, a seguiu:
 Cansada, pousou num monte,
 E ele sobre ela correu;
 Tornou-se a erguer, perseguiu-a,
 Cansou-a, e morte lhe deu.
 Se enquanto em pilhar a lebre
 A matilha se empregava
 Tivesse a louca fugido,
 De certo à morte escapava.
 Zombarmos do mal alheio
 Foi sempre loucura atroz;
 Que nos pode vir por casa,

E então zombarem de nós.

O BURRO VESTIDO COM A PELE DO LEÃO

Quebrando a pela,
Fofó sendeiro
Fugiu ao dono,
Que era moleiro;
Dentro de um bosque
O fanfarrão
Achou apele
De alto leão;
Em toda a parte
Dela vestido,
Por leão fero
Era temido;
Homens e brutos
O respeitavam,
Fugiam logo
Que o divisavam;
Mas das orelhas
Uma pontinha
De fora ao burro
Ficado tinha;
Foi vista acaso
Pelo moleiro,
Que julgou logo
Ser o sendeiro;
Indo-lhe ao lombo
Com um cajado,
Puniu o arrojo
Do mascarado;
Do tolo rindo,
Despiu-lhe a pele,
Pôs-lhe uma albarda
E montou nele.
Tal entre os homens
Mil se conhecem,
Os quais são uns,
E outros parecem.
Despem-lhe a pele
Que os faz troantes,
Ficam sendeiros
Como eram dantes.

O RATINHO E A MÃE

Certo ratinho inda novo
Lá da toca onde nasceu
A vez primeira saiu
E quando se recolheu
Contou à mãe quanto viu.
Disse: «Apenas saí fora
»Para o casal mais vizinho,
»Trotando me encaminhei,
»Meti-me num buraquinho.
»E dali tudo espreeitei:
»Vi, ó mãe, dois grandes bichos,
»Diferentes na figura,
»Defronte de mim andar,
»Um respirava doçura,
»O outro fez-me trepidar!
»Este dum morro vermelho
»Ornava a cabeça esguia,
»Que as orelhas tinha em baixo;
»Só com dois dentes comia,
»Tendo por cauda um penacho.
»Andava em dois pés e tinha
»Em cada perna um ferrão;
»Em si cos braços bateu,
»Desatou voz de trovão,
»Que de horror me estremeceu!
»Pelo contrário, o primeiro
»Era da nossa figura,
»Com modéstia passeava,
»Tinha meiguice e doçura
»Na mansa voz que soltava;
»Era o seu rosto redondo,
»Barba hirsuta, olhos luzentes,
»Curta orelha e nariz chato,
»Ralos e brancos os dentes,
»Quase era o nosso retrato
»Tanto me encantou seu modo,
»Que fora a seus braços ter
»Se a tal fera ímpia, e feroz,
»Me não fizesse deter
»Com susto da sua voz.»
«Ai! filho», a mãe lhe tornou,
«Quanto a aparência te engana!
»Essa figura adorável
»É duma fera tirana,
»Nossa inimiga implacável!
»Se lhe caíesses nas unhas,
»Em postas serias feito!

»Finge doce mansidão,
»Chama-se gato e no peito
»Guarda um feroz coração!
»É diferente o segundo
»Que te deu susto mortal!
»Tendo um aspecto feroz,
»Se nos vê, não nos faz mal
»E é benigno para nós:
»Galo se chama e nos pode
»Servir de pasto alguns dias;
»Olha como te enganavas!
»Ao bom por susto fugias,
»Ao mau por gosto buscavas.»
Uma doçura afectada
É fruto da hipocrisia.
Sirva ao mundo esta lição:
Quem de aparência se fia,
Gosta da sua ilusão.

A RAPOSA, O MACACO E OUTROS ANIMAIS

Havendo a tirana parca
Tirado a vida ao leão,
Das vastas selvas monarca,
Numa oculta solidão,
Os animais se ajuntaram;
Do cofre a c'roa tiraram;
De que era guarda um dragão,
A pleno voto assentaram,
Que a frente em que ela servisse
Desde logo a possuísse.
Mil animais se aprontaram
E a c/roa à frente levaram;
Porém, a nenhuma servia,
Um por ter a testa esguia,
Outro por ser cabeçudo;
Notando o macaco tudo,
Bem que inda fraco se visse,
Duma grande macacoa
Tomou entre as mãos a c'roa,
E com muita macaquice,
Posto que mal lhe servisse,
Na cabeça a colocou.
Tanto ao congresso agradou
Sua aparente viveza,
Gestos, esgares, destreza,
Que por seu o rei aclamou.
Festas houve, e mascaradas,
Touros, danças, cavalhadas,
Luminárias pelo campos,
Postos pelos pirilampos;
Tudo em prazer se inundou!
Só a raposa, prudente,
Ficou assaz descontente,
Mas seu enojo ocultou
E ao rei novo a mão beijou.
De três meses no decurso
Nada o mono feito havia;
A cavalo sobre um urso,
Com gaifonas todo o dia,
Do governo se esquecia.
Eis a raposa matreira,
Observando, sorrateira,
Tal porte, desordem tal,
Quis pôr termo a tanto mal:
Certo dia, muito cedo,
Foi ao palácio real
E disse ao rei, em segredo,

Que um tesouro oculto havia,
De que só ela sabia,
E que a Sua Majestade
Por direito pertencia.
Desta feliz novidade
O rei ficou tão contente,
Que se dignou ternamente
A dar-lhe um fervido abraço;
E da esperta em companhia
Mesmo a pé saiu do paço.
Numa floresta sombria
Entraram em breve espaço;
E disse a raposa que era
Onde o tesouro existia:
O mono, sem mais espera,
Num covil que ela apontou
Foi logo meter o braço.
Mal enredado ficou:
Assim que preso no laço
A cavilosa o pilhou,
A conselho os animais
Àquele sítio chamou
E o rei preso lhes mostrou,
Dizendo-lhes: «Vede ali
»Do vosso engano os sinais,
»Caiu do laço que urdi
»Por ser néscio, e reflecti
»Que reger não pode os mais
»Quem tão mal se rege a si.»
O congresso, que até ali
Ocultava o seu desgosto,
Vendo fausta ocasião,
Exclamou: «Seja deposto.»
E deposto foi então.
Porém, como se temia
A desgraça de anarquia,
Elevou-se outro leão
Noutro clima produzido
Para rei daquele povo;
Que bem que era leão. novo,
Para rei tinha nascido:
A notícia da eleição
A raposa lhe levou
Primeiro do que ninguém:
Agradeceu-lha o leão;
Veio a pé sem nenhum trem,
Tomou posse e reinou bem.
Aparências de juízo,
Ser alegre, ter bom ar,
Não é só o que é preciso

Para reger, ou reinar:
Cumpra que haja tolerância,
Rectidão, discernimento,
Inteireza, vigilância,
Cultivado entendimento,
Às lisonjas vãs ser mouco,
Ouvir muito e crer em pouco.
O que tais dons ajuntar
Pode o mundo governar.

O MACHO E O BURRINHO

Da sua nobreza
Vivia enfunado
Um macho de sela
Dum gordo prelado;
Um dia o farfante
Assim blasonava
C'um velho burrinho
Que ao pé lhe ficava:
«Meu pai foi da raça
»Do Duque de Tal,
»Serviu muitos anos
»Na casa real;»
Também meu avô
»No paço vivia,
»E de ouro e veludo
»Jaezes trazia;
»Mas, sendo eu tão nobre,
»Estou companheiro,
»Por minha desgraça,
»Dum pobre sendeiro.»
«Olá, Só Fidalgo!»,
Lhe torna o burrinho,
«Você já se esquece
»De que é meu sobrinho?
»Que foi minha irmã
»A mãe que o pariu,
»A qual numa nora
»Dos peitos abriu?
»Seu pai meu cunhado,
»De quem nos blasona,
»Morreu trabalhando
»Em pobre atafona;
»Pois esse ricaço,
»Que foi seu avô,
»Debaixo de albarda
»A vida acabou.»
Embora um bazófilo
Seu nada engrandeça,
Porém nunca avilte
A quem o conheça.

O VELHO E O BURRO

Um velho que ia montado
No seu burro, um certo dia,
Passou por um verde prado
Onde clara fonte havia;
E, como sede trazia,
Para beber se apeou.
Solto o jumento ficando,
Sem o peso que levava,
Já corria retouçando,
Já na relva se espojava;
E, na alegria em que estava,
Zurros imensos soltou
Eis de ladrões chusma brava,
Dum bosque por entre os ramos,
Já perto se divisava
«Ai!, que perdidos estamos!
»Ladrões te ouviram, fuja»,
O velho ao burro gritou;
«Vê que nos prendem se tardas.»
Tornou-lhe o burro em sossego:
«Põem eles duas albardas?
»Menos grão?, maior carrego?
»Pois se a piorar não chego,
»Deste lugar não me vou;
»É de crer que procurasse,
»Se acaso escolher pudesse,
»Quem de mim melhor tratasse;
»Mas isto não acontece,
»E é só do meu interesse
»Ficar melhor do que estou;
»A ventura do tirano
»Ao tirano só agrada,
»Se não minora o meu dano,
»Se hei-de ter vida cansada,
»Bem pouco me importa, ou nada,
»Ser ou não ser de quem sou.»

O VEADO E OS CÃES

Numa fonte que corria,
Certo dia,
Um estólido veado
Retratado
No cristal puro se via
Em segredo
Celebrava a celsa frente
Adornada lindamente
Dum ramífero arvoredado
Mas se a frente celebrava,
Lamentava
A magreza assaz mesquinha
Que nas longas pernas tinha,
Que podiam parecer
Quatro fusos de torcer.
Eis que nisto
Um sabujo mui previsto
Deu com ele;
O levíssimo veado,
Assustado,
Por querer salvar a pele,
Meteu pernas, tão ligeiro,
Que o rafeiro
Já mui longe lhe ficava
E esperava,
Se entrar numa selva escura
Não quisesse o miserando;
Que a cornífera armadura
Encalhando
Entre os ramos da espessura,
O prendia,
Lugar dando ao que o seguia
Que chegasse
E no lombo lhe ferrasse.
Os seus chifres esgalhados,
Tão louvados,
Que lhe ornavam tanto a frente,
Lhe impeceram totalmente
O proveito
Que seus pés lhe tinham feito;
Mal olhados
Por esguios e delgados.
Neste aperto se desdisse
Sem conforto
O veado semimorto,
E maldisse
De armação, que viu na testa,

A beleza sedutora,
Que lhe fora
Tão funesta!
Muitas vezes maldizemos
O que é útil
E o vistoso engrandecemos,
Bem que fútil,
Eis o exemplo demonstrado
No veado.

A LEBRE E A TARTARUGA

«Apostemos», disse à lebre
 A tartaruga matreira,
 «Que eu chego primeiro ao alvo
 »Do que tu, que és tão ligeira.»
 «Cala a boca, toleirona»,
 Lhe disse a lebre mofando,
 «Ou tens perdida a cabeça,
 »Ou comigo estás zombando.
 »Respondeu-lhe a tartaruga:
 «Nisso me estás a entender
 »Que receias apostar
 »Porque não queres perder.»
 «Pois tu, vã, que és uma lesma,
 »Queres competir coa a lebre?
 »Isso é doença, estás vária,
 »Provém do efeito da febre;
 »Eu, que por uma charneca
 »Corro dos galgos em frente,
 »Que os canso, sem que me possa
 »No lombo ferrar o dente,
 »Havia temer a quem
 »Gasta uma hora em dar um passo?»
 Retrucou-lhe a tartaruga
 Com todo o desembaraço:
 «Leva, amiga, de bazófias,
 »Desculpas não valem nada;
 »Se tem medo, não aposte;
 »Porém, dê-se por cangada.
 »Ando no mar e na terra;
 »Sei muito bem o que é mundo;
 »Propus-me a apostar contigo
 »Porque sei no que me fundo.»
 «Pois vá feito», diz a lebre;
 «E aquele velho sobreiro
 »Seja a meta, e leve o prémio
 »A que chegar lá primeiro;
 »De juiz não precisamos;
 »Porque eu na meta vou pôr
 »As apostas, que serão
 »Da primeira que lá for.
 »Eis vai cumprir o que ajusta,
 E volta num breve prazo;
 Não digo o que foi a aposta,
 Porque isso não vem ao caso.
 Dado o sinal da partida,
 Estando as duas a par,
 A tartaruga começa

Lentamente a caminhar;
A lebre, tendo vergonha
De correr diante dela,
Tratando uma tal vitória
De peta, ou de bagatela,
Julga, cheia de vaidade,
Que inda tempo lhe sobeja
Se entrar a correr já quando
Perto do sobreiro a veja.
Deita-se, dorme o seu pouco;
Ergue-se e põe-se a observar
De que parte corre o vento,
E depois entra a pastar;
Eis deita uma vista de olhos
Sobre a caminhante sorna,
Inda a vê longe da meta,
E a pastar de novo torna.
Olha; e depois que a vê perto
Começa a sua carreira;
Mas então apressa os passos
A tartaruga matreira.
À meta chega primeiro,
Apanha o prémio apressada,
Pregando à lebre vencida
Uma grande surriada.
Não basta só haver posses
Para obter o que intentamos;
É preciso pôr-lhe os meios,
Quando não atrás ficamos:
O contendor não desprezes
Por fraco, se te investir;
Por que um anão acordado
Mata um gigante a dormir.

O BURRO E OS DONOS

O burro de um hortelão
À sorte se lamentava,
Dizendo que madrugava,
Fosse qual fosse a estação,
Primeiro que os resplendores
Do Sol trouxessem o dia.
«Os galos madrugadores»
(O néscio burro dizia)
«Mais cedo não abrem olho,
»E porquê? Por ir à praça
»C'uma carga de repolho,
»Um feixe de aipo, ou labação,
»Alguns nabos e b'ringelas;
»E por estas bagatelas
»Me fazem perder o sono.
»A sorte ouviu seu clamor
E deu-lhe em breve outro dono,
Que era um rico surrador.
Eis de couros carregado,
Sofrendo um cruel fedor,
Já carpia ter deixado
O seu antigo senhor.
«Naquele tempo dourado»,
Dizia, «andava eu contente,
»Cada vez que ia ao mercado
»Botava à cangalha o dente,
»Lá vinha a couve, a nabiça,
»A chicarola, o folhado,
»E outras castas de hortaliça;
»Mas se hoje, fraco do peito,
»O meu dente à carga deito,
»Em vez da viçosa rama
»Da celga, do grelo, ou nabo,
»Só acho dura courama,
»Que fede mais que o Diabo!»
Prestando às queixas do burro
A sorte alguma atenção,
Lhe deu por novo patrão
Um carvoeiro casmurro.
Entrou em nova aflição
O desgostoso jumento.
Vendo faltar-lhe o sustento
E em negro pó de carvão
Andando sempre afogado,
Tornou a carpir seu fado.
«Que tal!», diz a sorte em fúria,
«Este maldito sendeiro

»Com a sua eterna lamúria
»Mais me cansa, mais me aflige,
»Que um avaro aventureiro
»Quando fortunas me exige;
»Pensa acaso este imprudente
»Que só ele é desgraçado?
»Por esse mundo espalhado
»Não vê tanto descontente?
»Já me cansa este marmanjo!
»Quer que eu me ocupe somente
»Em cuidar do seu arranjo?»
Foi justo da sorte o enfado,
Que é propensão do vivente
Lamentar-se do presente
E chorar pelo passado:
Que ninguém vive contente,
Seja qual for o seu estado.

O RAPOSO E O BODE

Um grã-capitão raposo
De intonso e ruço bigode
Foi passear certo dia
Com seu amigo Dom Bode.
O qual da família as armas
Trazia na frente audaz,
Tendo tanto de pacóvio
Quanto o amigo de sagaz.
Grande sede ambos levavam,
Que lhes tinha feito o almoço.
Eis que viram meio de água
Um velho pequeno poço.
Sem reflectir em mais nada,
Dom bode abaixo saltou,
Pouco depois o raposo
Assim que um pouco pensou.
Depois que à farta beberam
Quiseram logo ir-se embora;
Mas era a dificuldade
Poder sair para fora.
Estava a Bíblia intrincada;
Mas sempre em casos de aperto
Ousa sair bem, à custa
Do que é tolo, o mais esperto:
«Amigo, estamos perdidos!»,
Disse o bode ao companheiro.
«Não estamos, verás logo»,
Tornou-lhe o amigo matreiro.
«Junto à parede te empina
»Onde o poço é menos alto.
»Que eu ponho os pés nos teus chifres
»As mãos firmo, e fora salto.
»Assim que em cima estiver,
»Lanço-te a garra ao pescoço,
»Por ti puxo, e ficaremos
»Ambos nós salvos do poço.»
«Por minhas barbas eu juro»,
O outro diz banhado em pranto,
«Que é dita achar um amigo,
»Como tu, de engenho tanto.
»Onde o bocal é mais baixo
»Eu me empino, trepa agora.
»O raposo assim o fez,
E num pulo se viu fora.
Apenas se encontrou, safo,
Disse: «Tem paciência, amigo,
»O querer-te salvar fora

»Expor-me a novo perigo;
»Se te desse iguais às barbas»
Talentos a natureza,
»De entrar dentro deste poço
»Não terias a leveza.
»Ora adeus, que eu vou-me embora;
»Trabalha por te safar,
»Que eu tenho muitos negócios
»Não me posso demorar.
»Pagou Dom Bode a toleima,
Que sempre tem que sentir
Quem faz coisas sem pensar
No que pode sobrevir.

O SOL E AS RÃS

Querendo o Sol casar-se,
As rãs, quando o souberam,
A Júpiter fizeram
Humilde petição
Dizendo: «Não consintas,
»Ó Júpiter sagrado,
»Que mude o Sol de estado;
»Que tenha geração;
»Porque se ele sozinho,
»Com seu calor intenso,
»Nos faz um dano imenso,
»Na cálida estação,
»Em tendo esposa e prole,
»Seus novos sucessores
»Com fervidos calores
»O mundo abrasarão:
»Secando-se as lagoas,
»As fontes e as correntes,
»Os nossos descendentes
»A vida acabarão.
»Ouvindo Jove as preces,
Negou consentimento
Do Sol ao casamento,
Às rãs em atenção.
Aquele que previne
Que o mal se reproduza,
Prudente evita e escusa
De horrores profusão.

O HOMEM E A SERPENTE

Um moço encontrou
Dormente
Serpente,
Que o gelo enervou.
A casa a levou,
E logo
Do fogo
Mui perto a chegou.
A vil se animou,
Que em breve
Da neve
O efeito acabou;
A cauda anelou;
Erguendo
E torcendo
O colo, silvou:
A quem a salvou
Do corte
Da morte
Matar intentou.
O moço tomou
Pesado
Machado
E ao meio a cortou.
A ingrata acabou
Partida,
Coa vida
Seu crime expiou,
O ter caridade
É da humanidade
Um sacro dever;
Porém, não a ter
Com feras ingratas
É de almas sensatas.

O LEÃO DOENTE

Um leão, vendo-se enfermo,
Passa aviso a seus vassallos
De que à vida vai pôr termo
E que intenta aconselhá-los
Sobre a regência futura,
Dar-lhes beija-mão e honrá-los.
Dos leões à fé lhe jura
Que trata bem qualquer fera
Que o visita e que o procura;
Porém, na furna as espera,
E quando alguma entrar ousa,
Logo a mata e dilacera.
Eis uma esperta raposa
Pára e diz, sem que entre lá:
«Xau!, que eu observo uma cousa!
»Pegadas mil aqui há;
»Mas para lá todas vão,
»E nenhuma para cá;
»Saúde, Senhor Leão!
»Quero-me à glória
»De beijar-lhe a régia mão;
»Porque jurei jamais ir
»A qualquer casa, ou lugar,
»Vendo só por onde entrar
»E não por onde sair.»
Foi reflexão mui subida
Esta que fez a raposa;
Que é loucura desmedida
Entrarmos em qualquer cousa
Sem ver se temos saída.

O PASSARINHEIRO, O MILHANO E A COTOVIA

Passarinheiro sagaz
Laços num campo estendia
E com espelho falaz
Simples aves aludia.
Uma leve cotovia
Enganada ali pousou,
E um milhano que a seguia,
Baixando, a triste empolgou;
Deu voltas, preso ficou
Não menos que em laços três;
Eis ao caçador clamou
Mais bravo do que cortês:
«Porque me prendes os pés,
»Insano, que mal te fiz?»
«Foi o mesmo que te fez»,
Lhe disse ele, «essa infeliz.»
Entre a classe dos humanos
Há muitos destes milhanos;
Que o mal que aos outros fomentam,
Quando lho fazem, lamentam.

O CAVALO E O BURRO

Ia um burro carregado,
E na sua companhia
Um cavalo também ia,
Sem carga, ledo a saltar.
«Ajuda-me», disse o burro,
»A levar este carrego,
»Senão à vila não chego,
»Que já me sinto expirar!
»Da minha carga, metade
para ti bagatela;
»Levando-a, brincas com ela,
»E eu posso alívio encontrar.»
Fazendo mofa do burro,
O cavalo, por tolice,
Deu dois pinotes e disse:
«Sendeiro, vai bugiar.»
Sem alento, afadigado,
Calou-se o pobre burrinho;
Eis em meio do caminho
Caiu por arrebentar!
Veio o dono, e do seu burro
Lamentou a infausta sorte;
Mas ao cavalo esta morte
Não veio pouco a custar!
Que pondo-lhe toda a carga,
Por mais lhe cheirar a esturro,
Albarda e pele do burro
Foi constrangido a levar.
Quem a pequena tarefa
O corpo esquiva por manha,
Às vezes vem-lhe tamanha
Que lhe custa a suportar:
Valer n 'aflição aos outros
É dever da humanidade;
Não lhe acudir é maldade
Que o Céu costuma vingar.

O CÃO VENDENDO A SUA IMAGEM NA ÁGUA

A nado passava
Um claro ribeiro
Avaro rafeiro;
Na boca levava
De carne um tassalho
Furtado num talho.
Do rio no fundo
Notou insensato
Seu próprio retrato;
Julgou furibundo
Ser outro o que via
E carne trazia.
Tirar-lha querendo,
Largou o bocado
Que tinha furtado,
Mergulhos fazendo;
E foi providência
Salvar a existência.
É ser ambicioso,
Além de inexperto,
Deixar pelo certo
O que é duvidoso.

O CARRETEIRO ATOLADO

Por caminho apaulado,
 Mui barrento e mal gradado,
 O seu carro conduzia,
 Que trazia
 De erva e feno carregado
 Inexperto carreteiro.
 Por incúria o desgraçado
 Num grandíssimo atoleiro
 Enterrar deixou seu gado.
 Era longe o povoado,
 E não vinha caminheiro
 Que o ajudasse e lhe acudisse;
 De aflição desesperado
 Se maldisse!
 E exclamou, todo inflamado:
 «Vem, ó Hércules sagrado,
 »Acudir-me pressuroso,
 »Pois que já sobre o costado
 »Sustentaste o Céu formoso.
 »O teu braço vigoroso
 »Se me acode,
 »Este carro tirar pode
 »Do atoleiro.»
 Deste modo se carpia
 O carreiro,
 Quando ouviu uma voz forte
 Que não longe lhe dizia
 Desta sorte:
 «Se quiseres que te valha,
 »Mandrião, lida, trabalha,
 »Examina donde vem
 »Esse estorvo que te encalha
 »Ou detém:
 »Salta acima desse carro,
 »E tira-lhe um fueiro,
 »De redor lhe arreda o barro;
 »Bota pedras no atoleiro,
 »Calça as rodas, e depois
 »Põe-te à frente e pica os bois.
 »Tudo fez o carreteiro
 Que lhe tinham ensinado;
 E ficou muito pasmado
 Quando viu surdir à vante
 O seu carro do lameiro.
 «É milagre», exclamou logo,
 «Ouvii Hércules prestante
 »O meu rogo

»E evitou-me o precipício:
»Graças mil, númen propício.
»Acabando
De falar apenas ia,
Outra voz em tom mais brando
Lhe dizia:
«Confiar na providência
»Para obter o que intentamos
»Sem que os meios lhe ponhamos
»É demência.
»Nada obtém quem não procura;
»Que foi sempre a diligência
»Mãe da sólida ventura.»

A DISCÓRDIA

Por certo pomo a discórdia
Foi do alto Céu desterrada,
E pela muita embrulhada
Que entre as deidades teceu:
Onde habitam cultos povos,
Que há leis, ciência e política,
Com refinada malícia
A deusa atroz se acolheu;
Seu irmão consigo trouxe,
Que Sim-e-Não se apelida;
Trouxe o autor que lhe deu vida,
Que se chama Teu-e-Meu.
Desprezou, só por honrar-nos,
Ao nosso antípoda rude,
Que incensos queima à virtude,
Não tendo nem meu, nem teu;
Que leis não conhece, e casa
Sem notário, ou sacerdote;
Que a mulher só traz o dote
Que a natureza lhe deu.
Quando Jove, não com raios,
Punir os mortais queria,
Guerras a deusa acendia,
Qual na Grécia as acendeu;
A fama, em sendo preciso,
Tinha a seu cargo chamá-la;
Mas de quase em vão buscá-la
Muito a fama se ofendeu.
Pedi a Jove que a deusa
Uma habitação fixasse,
Para que quando a chamasse
Não perdesse o tempo seu.
Jove um domicilio certo
Quis que a discórdia escolhesse,
Indicou-lhe o do interesse;
Buscou ela o de Himeneu;
Por isso, quando o consórcio
Doura os laços que amor urde,
A danar a indigna surde
Quanto amor de glória encheu.

A VIÚVA

Sempre dum esposo a perda
 Com pranto se condecora;
 Porém, nas asas do tempo
 A saudade se evapora.
 Há diferença mui grande,
 Cem mil vezes observada,
 Entre a viúva de um dia
 À de um ano comparada.
 Acreditar-se não pode
 Que seja a mesma pessoa:
 Uma encanta quando fala,
 Outra chorando magoa;
 Aquela amores inspira,
 Esta comove à piedade;
 Uma história agora conto
 Em prova desta verdade.
 O esposo duma beleza
 Pôs à doce vida ponto,
 E a sua jovem metade
 Fez desatinos sem conto.
 Exclama: «Ó caro esposo,
 »Ouve, espera, que eu te sigo!
 »Chamar no sepulcro a morte
 »Quero abraçada contigo!
 »Recebe estes ais ardentes
 »Enquanto minha alma ansiosa,
 »Solta da prisão mundana,
 »Não vai buscar-te saudosa.
 »Um sábio pai tinha a jovem,
 E, ao vê-la em tanta opressão,
 Intentou com mil carícias
 Minorar sua aflição:
 «Basta», disse, «ó cara filha,
 »Basta: agora te pergunto
 »Se ofuscares teus encantos
 »Pode dar vida ao defunto?
 »Pois que pertences aos vivos,
 »Nos mortos não penses mais;
 »Tu podes ter outro esposo
 »Que tenha encantos iguais;
 »Não digo que já, portanto
 »O mundo murmurador
 »Avalia o sentimento
 »Pelo nosso exterior;
 »Porém, passado algum tempo,
 »Posso-te dar um esposo
 »Jovem, esbelto, engraçado,

»Rico, dócil e amoroso.»
«Ah!, meu pai», tornou-lhe a bela,
Cheia de viva amargura,
«O esposo que me compete
»É uma triste clausura!
»Perdi o prazer da vida»
»Quando perdi meu consorte!
»Só terá fim meu tormento
»Nos frios braços da morte.
»O pai calou-se, deixando-a
Entregue ao seu sentimento;
Que querer calar o aflito
E aumentar-lhe o tormento.
Passado o primeiro mês,
Já pouco chorava a. bela;
Ria ao segundo, ao terceiro
Passava o dia à janela;
Ao quarto, o luto era enfeite;
E do quinto por diante
Risos, amores e graças
Lhe brincavam no semblante.
Deste defunto adorado
O pai já pouco temia,
Até que, vendo o seu silêncio,
A bela lhe disse um dia:
«Meu terno pai, dai-me o esposo
»Que me tendes prometido,
»Que o defunto não se queixa
»De que eu tenha outro marido.»
«Não era», lhe disse o pai,
«Só o claustro o esposo teu?»
Tornou-lhe a filha, enfadada:
«Meu pai, quem morreu, morreu.»

A ONÇA E O LEÃO

Cruel feroz onça
Num ermo sertão
Havia brigado
Com fero leão.
Passado algum tempo,
O rei generoso
Achou-a dormindo
Num bosque frondoso.
Abriu por três vezes
As garras em vão;
Que achou ser baixeza
Matá-la à traição.
Deixando-a brioso,
Do sítio voltou;
Mas nisto a perversa
Do sono acordou.
Em cima do lombo
Um pulo lhe deu.
E o ventre coas garras
Feroz lhe rompeu.
O rei da espessura
Esforços baldou;
Por ser generoso,
A vida acabou.
Quem seu inimigo
Poupar pretender,
Nas mãos tarde ou cedo
Lhe vem a morrer.

O HOMEM, O CÃO E A GALINHA

Deu um dia em casa um homem
Dois pontapés no seu cão
Não sei porquê; mas é crível
Que não foram sem razão.
Ganindo muito, o cachorro
Se foi meter na cozinha,
E sentou-se ao pé dum covão
Onde estava uma galinha.
Ali fez imensas queixas
Da má vida que passava,
E ao seu tirano senhor
De ímpio e de injusto acusava.
A galinha lambareira
Lhe disse num certo ar:
«Se o caso fosse comigo,
»Eu havia-me vingar.»
«Como?» perguntou-lhe o cão.
E ela tornou-lhe a dizer:
«Como?, inda tu mo perguntas?
»Isso não tem que saber.
»Quando ele vier à noite,
»Põe-te na escada estendido;
»Porque ao subir tropeçando,
»Leva um tombo desmedido.
»Fingindo que o desconheces,
»Então com ele embrulhado
»Podes mordê-lo a teu gosto,
»E ficas mui bem vingado.»
Tudo assim aconteceu
Qual a galinha o pintou,
O pobre patrão caiu
E três dentadas levou.
Ao som do tremendo baque,
Logo os da casa acudiram,
E em braços, como em charola,
Para a cama o conduziram.
Quiseram-no pôr a caldos;
E a galinha lambareira
Do mau conselho que deu
Foi a vítima primeira.
Igualmente impune o cão
Não ficou do arrojo seu,
Que levou tosa tamanha,
Que no outro dia morreu.
Quase sempre um mau conselho
Fez a ruína, e fará
Tanto de quem o recebe

Como daquele que o dá.

O SOLDADO E O SEU MAJOR

Um soldado, tendo sido
Muitas vezes sem razão
Pelo seu major punido,
Em qualquer ocasião
Que do major se falava,
Sem injúria, nem motejo,
«Deus lhe dê», sempre clamava,
«O que eu para mim desejo!»
O major, que soube um dia
O que o soldado expressava,
Quando falar dele ouvia,
Foi direito à companhia
E, chamando-o junto a si,
Lhe disse em mui boa-fé:
«Homem, dize-me o que é»
Que desejas para ti,
»Que apeteces igualmente
»Para o teu sargento-mor?»
Eis o soldado prudente
Lhe disse. «Baixa, senhor.»

O MÉDICO E O CALCETEIRO

Um médico troão, que tinha sege,
Porém que em medicina era um herege,
Mandou calçar um dia,
Por certo calceteiro,
A sua estrebaria,
Dando-lhe logo à conta algum dinheiro;
E pago, e cheio do seu chocho estudo,
Meter querendo colherada em tudo,
Sem que previsse o troco,
Ao mestre disse um tanto carrancudo:
«Estas pedras, amigo, unem bem pouco!
»Umas baixas estão, e outras mais altas.»
«Descanse», o gírio mestre lhe responde,
«Que a terra tapa e esconde
»Não só as suas, mas as minhas faltas.»

A RAPOSA E O LOBO

«Compadre» (contam que ao lobo
 Disse a raposa uma vez),
 «Pari dois filhos, e agora
 »Não mos comas, por quem és.»
 «Não, comadre, está segura»
 (Logo o lobo lhe tornou),
 «Que nunca em dano de amigos
 »O meu dente se em botou.
 »Lembra-me inda aquele Inverno,
 »Em que tão doente andei,
 »Que dos teus roubos e traças,
 »Comadre, me sustentei.
 »Mas é preciso que deles
 »Me dês agora os sinais,
 »Para isentá-los da morte
 »Quando for comer os mais.»
 De gosto com tal promessa
 A raposa regougou;
 E catando-lhe uma orelha,
 Desta sorte lhe falou:
 «De todos os raposinhos,
 »Que hás-de, compadre, encontrar,
 »Os mais nédios, mais formosos,
 »São os meus, não tens que errar.»
 Com estes sinais somente
 O lobo se despediu;
 E logo em busca de presa
 Às vastas brenhas partiu.
 Em uma hedionda furna
 Aonde a fome o levou,
 Mui feios, sujos e auguados
 Dois raposinhos achou.
 «Não são os da minha amiga,
 »Pelos sinais que me deu.
 »Disse, e lançando-lhes as garras
 Ambos matou, e comeu.
 Eis entra a raposa, e clama,
 Vendo o sucesso: «Ai de mim!
 »Ai de mim! negro compadre,
 »Que aos filhos meus deste fim.
 »Tão incessante rogar-to,
 »Ai triste! não me valeu.
 »Mas nisto o prudente lobo
 Severo lhe respondeu:
 «Pelos sinais que me deste
 »Os teus filhos não comi;
 »E se estes eram teus filhos

»Então queixa-te de ti.»
O muito que tudo nosso
Com excesso nos apraz,
Quase sempre é que no mundo
Mil prejuízos nos faz.

OS LADRÕES

Em noite escura e chuvosa
 Subir duma quinta o muro
 Vil ratoneiro tentava,
 E o corpo em vão balançava
 Numas piteiras seguro.
 Julgava que o fazendeiro
 A casa não tinha vindo,
 E que os moços, descuidados,
 Estariam descansados
 A sono solto dormindo.
 A mesma ideia formando,
 Também outro ratoneiro
 Da quinta rodeava o muro,
 Até que cego do escuro
 Topar vem no companheiro.
 «Quem é?», lhe pergunta a medo.
 E o outro: «Não me conheces?»,
 Lhe torna: «Sou teu amigo.
 »Foi ventura o dar contigo,
 »Estimo bem que viesses.
 »Ora ajuda-me a subir
 »Antes que nos sinta alguém,
 »Porque eu assim que trepar
 »Do muro a mão te hei-de dar
 »Para que subas também.
 »Deste prédio o rico espólio
 »Roubaremos a seguro.
 »Disse; e o companheiro ousado
 Em tais razões confiado,
 O ajuda a subir ao muro.
 Mas quando em cima se apanha,
 Sem pejo à promessa falta:
 Lugar mais baixo procura,
 As mãos a um tronco segura.
 Firma os pés, e em terra salta.
 «Vil, desta sorte me enganas?»,
 O outro lhe clama enraivado;
 «Queira o Céu que alguém te sinta.»
 E ele já dentro da quinta
 Lhe torna assim descarado:
 «Companhia não careço,
 »E como enganar-te pude,
 »Busca ou segue outro caminho,
 »Que eu posso roubar sozinho,
 »Não preciso quem me ajude.»
 Disse, e logo avante parte.
 Porém, os cães o sentiram,

E tanto motim fizeram.
Que os moços todos se ergueram,
E à quinta armados saíram.
O triste, que tal presente,
Volta ao muro de corrida,
Tenta subi-lo, e não pode;
Brada: «Amigo, a um triste acode,
»Que intentam roubar-lhe a vida.»
Vingativo, o companheiro,
Que estava ao muro vizinho,
Isto ouvindo, assim o investe:
«Sozinho roubar quiseste,
»É bem que o pagues sozinho.»
Nisto em chusma entre alaridos
Os moços com ele deram;
O corpo lhe desmembraram,
E assim que morto o julgaram,
Fora da quinta o puseram.
Passado um pequeno espaço,
Forçando os vitais alentos,
Enquanto luta coa morte,
Clama aflito desta sorte,
A voz truncando a momentos:
«Eis o prémio de meus crimes,
»Na ambição fazendo estudo,
»Perco a vida sem socorro,
»Vivi pobre e pobre morro:
»Tudo perde quem quer tudo.»

ÍNDICE

Prefácio da 3ª edição, de 1883

Notícia biográfica do autor

Prólogo do autor

A formiga e a cigarra
 O corvo e a raposa
 A rã e o boi
 Os dois machos
 O lobo e o gozo
 O leão em sociedade com a ovelha, a cabra e a novilha
 O amor-próprio
 A andorinha e os passarinhos
 Os dois ratos, um do campo e o outro da cidade
 O lobo e o cordeiro
 Os ladrões e o burro
 Simónides poeta protegido pelos deuses
 O homem ancião e as suas pretendentes de diversas idades
 Os moscardos e as abelhas
 O galo e a pérola
 O sobreiro e a cana
 O conselho dos ratos
 O lobo pleiteando contra o raposo perante o macaco
 O dois touros e a rã
 O morcego e as duas doninhas
 O lenhador
 A ave ferida de uma flecha
 A podenga e a companheira
 A águia e o escaravelho
 O leão e o mosquito
 Os dois burros carregados
 O leão e o rato
 A pomba e a formiga
 O astrólogo
 A lebre e as rãs
 O raposo e o galo
 A águia e o corvo
 O pavão queixando-se a Juno
 O homem e a gata
 O burro e o leão caçador
 A raposa e a cegonha
 O velho, o rapaz e o burro
 As rãs pedindo um rei
 A águia, a porca e a gata
 O bêbado e a mulher
 O lobo e a cegonha
 O leão e a pintura
 A mulher teimosa afogada

O leão de longa idade
A doninha na despensa
A raposa e as uvas
O gato e o rato velho
O leão amoroso
O burro e o dogue
O homem e o (dolo de pau
A gralha entre os pavões
O rato e a rã
O rapaz e O mestre
O cavalo e o veado
O lobo, a mulher e o filho
O velho e seus filhos
A raposa, a cabra e a filha
A viso de Sócrates
Esopo
O oráculo de Apolo e o ímpio
A cotovia e os filhos
O avaro que perdeu o seu tesouro
A tainha e o pescador
As orelhas da lebre
A raposa derrabada
A vista de quem é dono
O cavalo e o lobo
O lavrador e seus filhos
A montanha parindo
A fortuna e o rapaz
O lobo feito pastor
Os médicos
A galinha que punha os ovos de ouro
O jumento que levava relíquias
O veado e a vinha
A serpente e a lima
O leão e o pastor
A perdiz e a lebre
O burro vestido com a pele do leão
O ratinho e a mãe
A raposa, o macaco e outros animais
O macho e o burrinho
O velho e o burro
O veado e os cães
A lebre e a tartaruga
O burro e os donos
O raposo e o bode
O Sol e as rãs
O homem e a serpente
O leão doente
O passarinho, o milhano e a cotovia
O cavalo e o burro
O cão vendo a sua imagem na água

O carreteiro atolado
A discórdia
A viúva
A onça e o leão
O homem, o cão e a galinha
O soldado e o seu major
O médico e o calceteiro
A raposa e o lobo
Os ladrões

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera a partir da edição de 1883. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
